



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Presidente Prudente

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
BACHARELADO EM GEOGRAFIA

JOSÉ FERNANDO MOREIRA DE CAMPOS

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO SAPRINO: UMA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR

PRESIDENTE PRUDENTE
2023

JOSÉ FERNANDO MOREIRA DE CAMPOS

**O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO SAPRINO: UMA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Livre-Docente Neide Barrocá Faccio

**PRESIDENTE PRUDENTE
2023**

C198s

Campos, José Fernando Moreira de

O Sítio Arqueológico São Saprino: uma perspectiva interdisciplinar

/ José Fernando Moreira de Campos. -- Presidente Prudente, 2023

94 p. : tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) -

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e

Tecnologia, Presidente Prudente

Orientadora: Neide Barrocá Faccio

1. Geografia. 2. Arqueologia. 3. Interdisciplinaridade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JOSÉ FERNANDO MOREIRA DE CAMPOS

**O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO SAPRINO: UMA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR**

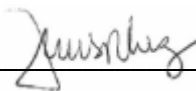
Monografia em Geografia apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (campus de Presidente Prudente) como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Livre-Docente Neide Barrocá Faccio
UNESP de Presidente Prudente

Membros:



Profa. Dr. Juliana Aparecida Rocha Luz
UNESP de Presidente Prudente



Profa. Beatriz Mercês de Souza dos Santos
UNESP Presidente Prudente

Presidente Prudente, 17 de Fevereiro de 2023

AGRADECIMENTOS

A monografia em tela resulta de inúmeros esforços coletivos e individuais durante o período de cinco anos de graduação, em especial os três anos de convivência e aprendizado no Laboratório de Arqueologia Guarani e Estudos da Paisagem (LAG), do Museu de Arqueologia Regional (MAR), pertencente à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho – campus de Presidente Prudente.

Desta maneira, dedico esta monografia para:

A toda minha família pelo apoio que sempre me deram durante minha vida, em especial, minha mãe Silvia Helena e meus avós Maria Helena e Manoel Afonso que além de acreditar nesse sonho ajudaram ativamente durante esse processo.

Agradeço à minha namorada Laura Ayumi por estar ao meu lado durante o percurso acadêmico, sou muito grato por seu apoio e amor.

A todos os meus amigos, particularmente Maria, Fernando, Gustavo e Felipe meus sinceros agradecimentos, vocês desempenharam um papel significativo no meu crescimento, minha eterna gratidão.

Ao Laboratório de Arqueologia Guarani e Estudos da Paisagem (LAG), do Museu de Arqueologia Regional (MAR) pelo ambiente criativo e amigável. Lugar em que tive a oportunidade de desenvolver minha capacidade crítica, ao entrar em contato com a ciência, por meio das diversas pesquisas realizadas ao longo desses anos.

Agradeço aos meus amigos de laboratório Diana, Thiago, Eduardo, Beatriz, Júlia Araújo, Vitor, Gustavo, Brendo, Juliana Luz, Hiuri, Larissa, Paulo, Júlia Sousa, Marlon, Ana Carolina, e Matheus pelo apoio, força, amor e assistência inabalável.

É com muita admiração e enorme respeito que venho mostrar toda minha gratidão a professora e orientadora, Neide Barrocá Faccio, que dia após dia mostra sua dedicação e amor por esta profissão tão essencial na vida de todos. Agradeço as valiosas contribuições dadas durante todo o processo, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa, além de me manter motivado durante todo o processo.

A todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender.

Também agradeço aos funcionários da Universidade que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão deste trabalho.

*“Se pude enxergar a tão grande distância, foi
subindo nos ombros de gigantes”
(Newton, 1676)*

RESUMO: Para a presente monografia apresentamos os resultados da pesquisa dos materiais cerâmicos do Sítio Arqueológico São Saprino, por meio da análise tecnotipológica das cerâmicas, além de utilizarmos a interdisciplinaridade entre Geografia, Geoprocessamento e Arqueologia, para breve caracterização da área, da etno-história local e da arqueologia regional. Nesse sentido, a área de estudo está localizada no município de Anhumas, SP, em propriedade rural particular da Usina COCAL, com plantio de cana-de-açúcar, próximo ao Ribeirão da Boa Vista e aproximadamente 27 quilômetros de distância em relação ao Rio Paranapanema. Trata-se de um sítio arqueológico de pequeno porte. Foram analisados 55 fragmentos cerâmicos, sendo bordas, bases e paredes. Assim, a partir deste levantamento foi possível também a formação de conjuntos de cerâmicas da mesma vasilha. Deste modo, o estudo de sítios com tais características se justifica por colaborar com a compreensão do sistema de ocupação indígena na região do Pontal Paranapanema.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, Arqueologia, Interdisciplinaridade, Sítios Arqueológicos

ABSTRACT: For this monograph, we present the results of the research of ceramic materials from the São Saprino Archeological Site, through the technotypological analysis of ceramics, besides using the interdisciplinarity between Geography, Geoprocessing and Archeology, for a brief characterization of the area, the local ethno-history and regional archeology. In this sense, the study area is located in the city of Anhumas, SP, in a private rural property of Usina COCAL, with sugarcane plantation, close to the Boa Vista Steam and approximately 27 kilometers away from the Paranapanema River. It is a small archeological site. 55 ceramic fragments were analyzed, including edges, bases and walls. Thus, from this survey it was also possible to form sets of ceramics from the same bowl. Therefore, the study of sites with such characteristics is justified by collaborating with the understanding of the indigenous occupation system in the Pontal of Paranapanema region.

KEYWORDS: Geography, Archeology, Interdisciplinarity, Archaeological Sites

Sumário

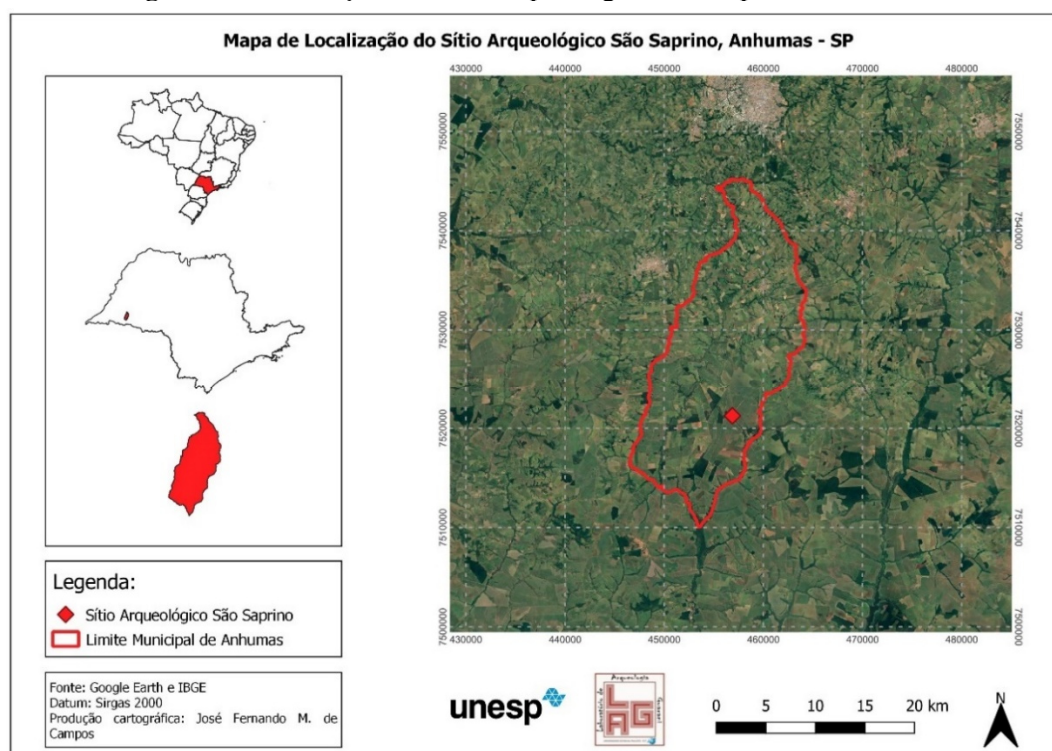
Introdução.....	2
1 Materiais e Métodos.....	5
2 Caracterização da área de estudo	14
2.1 Aspectos do Meio Físico e Terrestre da área estudada	15
2.2 Sítios Arqueológicos localizados pelo Diagnóstico Prospectivo	19
2.3 Caracterização da Arqueologia Regional	23
3 O Sítio Arqueológico São Saprino	35
3.1 Etno-história.....	36
3.2 Materiais do Sítio Arqueológico São Saprino.....	50
3.3 A implantação do Sítio São Saprino na paisagem: o padrão de assentamento.....	56
4 Considerações Finais.....	60
5 Referências.....	64
ANEXO A.....	70
ANEXO B	75
ANEXO C	85

Introdução

A presente monografia teve por objetivo analisar a tecnotipologia da cerâmica do Sítio Arqueológico São Saprino, a fim de identificar as possíveis cadeias operatórias de produção cerâmica, assim como caracterizar a área estudada, por meio da interdisciplinaridade entre Geografia, Geoprocessamento e Arqueologia. Nesse sentido, essa pesquisa visa contribuir para o conhecimento científico e para a compreensão do Sistema Regional de Povoamento Indígena² do estado de São Paulo.

O Sítio Arqueológico São Saprino está localizado em propriedade rural, em área da Usina COCAL Narandiba, entre plantio de cana-de-açúcar e a área de criação de gado no Município de Anhumas, SP (**Figura 1**). Encontra-se em média vertente, próxima ao Ribeirão da Boa Vista e está a, aproximadamente, 34 quilômetros do Rio Paranapanema. No local, foram identificados fragmentos cerâmicos.

Figura 1: Localização do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP



Fonte: Faccio et al (2016) **Organização:** o autor (2022).

² Sistema Regional de Povoamento: É a coordenação entre sítios ou conjuntos de sítios pautada por relações sociais, econômicas e culturais (considerando sua contemporaneidade, similaridade ou complementaridade) define um sistema regional de povoamento. Por exemplo: a maior parte dos sítios litocerâmicos colinares remanescentes de assentamentos de agricultores indígenas pré-coloniais do Paranapanema, com datação em torno de mil anos antes do presente, compõe o sistema regional Guarani (MORAIS, 2000).

A Usina Cocal está localizada no Município de Narandiba, Oeste do Estado de São Paulo, a cerca de 550 km de distância da capital paulista. Os municípios estão situados na região Oeste do estado de São Paulo, tendo como limites, ao sul, o Rio Paranapanema e, a oeste, o Rio Paraná. A delimitação para a região conhecida como Pontal do Paranapanema é denominada Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos (UGRHI-22) e é considerada a 10^o Região Administrativa do estado de São Paulo, segundo a delimitação administrativa governamental.

Desta forma, esta monografia apresenta a análise cerâmica do Sítio Arqueológico São Saprino, por meio do modelo tecnopológico proposto por Faccio (1992), englobando o conceito de cadeia operatória que objetiva observar os processos e métodos aplicados na confecção cerâmica. Assim, analisa-se atributos como a matéria-prima, a técnica do processamento da pasta, a manufatura, o antiplástico, o acabamento superficial, a decoração, a queima e, por fim, sua forma de utilização.

Foram também utilizados nessa pesquisa os relatos da etno-história sobre as primeiras ocupações humanas na região do Pontal do Paranapanema, além do levantamento de dados e informações (primários e secundários) referentes à base cartográfica junto ao IBGE, DataGeo, Diagnóstico Arqueológico prospectivo da área de plantio de cana-de-açúcar da Usina COCAL, Unidade de Narandiba, entre outras bases de dados.

O SIG (Sistemas de Informações Geográficas) será utilizado como subsídio às análises espaciais e também para produção cartográfica dessa pesquisa. Nesse sentido, este trabalho de graduação apresenta produtos cartográficos produzidos com base em softwares como Qgis 3.22, Google Earth 2022 e Surfer 16.

Sendo assim, organizamos a monografia em tela nos seguintes capítulos: **Materiais e Métodos, Caracterização da área de estudos, O Sítio Arqueológico São Saprino, Considerações Finais, Referências e Anexos.**

1 Materiais e Métodos

Para Mauss (1968), o conceito de cadeia operatória³ é a matéria-prima para o entendimento da etnologia das técnicas. Posto isso, o estudo do comportamento humano pode associar-se às técnicas corporais, pois a ação técnica permite compreender como ocorreu a operação material de um grupo particular.

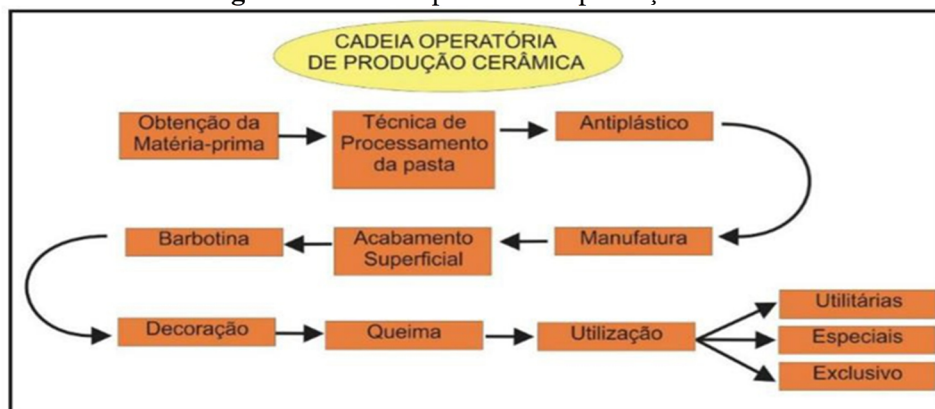
Assim sendo, para compreender como o grupo indígena que habitou o Sítio Arqueológico São Saprino confeccionou a cerâmica, foi empregado o método de análise tecnotipológica de Faccio (1992), abordando o conceito de cadeia operatória, com as adaptações que foram necessárias. Como discutido anteriormente, os estudos relacionados à cadeia operatória têm como objetivo abarcar os processos e o método utilizado pelo ser humano, no passado, para confeccionar um objeto lítico ou cerâmico.

Trata-se de tomar o artefato enquanto objeto de análise, uma vez que, como todo comportamento cultural, a produção cerâmica é estruturada em padrões e sequências, que não podem ser obtidas por dados isolados (sejam os fragmentos cerâmicos, sejam os atributos classificatórios), mas sim pela maneira como as informações se estruturam entre si, ou se padronizam numa forma de vasilha (FACCIO, 1992, p.81).

Existem diversas etapas de análise de cerâmica, considerando a aquisição da matéria-prima, a técnica do processamento da pasta, a manufatura, o antiplástico, o acabamento superficial, a decoração, a queima e, para finalizar, sua utilização, podendo ser utilitárias, especiais ou exclusivas. Assim, sua produção pode ser considerada a soma de estágios realizados pela técnica e tradição da (o) artesã (o) (**Figura 2**).

³ O conceito de cadeia operatória busca dar sentido ao objeto, uma vez que investiga seu histórico em uma sequência de operações sucessivas que transformaram a matéria prima em um produto, seja ele de utensílio ou consumo (GALHARDO; FACCIO; LUZ, 2015).

Figura 2: Cadeia operatória de produção de cerâmica.



Fonte: Daves (2016), adaptado de La Salvia e Brochado (1989), p. 58.

Nesse sentido, a análise teve como propósito caracterizar e evidenciar elementos sobre a sequência de gestos efetuados para a produção da cerâmica do sítio em tela. O método teve como referência o guia e a ficha de análise, propostos por Faccio (1998), buscando determinar as classes de atributos tecnológicos, estilísticos, morfológicos, marcas de uso e a conservação da peça arqueológica.

No que tange a cerâmica do Sítio Arqueológico São Saprino, foram utilizados os seguintes atributos: classe, antiplástico/tempero, espessura, queima, tratamento de superfície, decoração, técnica de manufatura, marcas de uso e estado de conservação.

Sendo assim, a primeira classe de análise diz respeito ao tipo de peça, classificando o material cerâmico em uma das seguintes variáveis: fragmento de parede, fragmento de borda, fragmento de base, fragmento que contém parte da parede/base/borda, fragmento que contém parte da parede e da borda, parede ou borda com furo de suspensão, por exemplo (FACCIO, 1998).

Após isso, na segunda classe, foi analisado o tipo de antiplástico/tempero, empregado para controlar a plasticidade da argila e proporcionar condições para que a vasilha não quebre durante os momentos de secagem e queima, isto é, “para que aumente ou diminua a resistência do choque térmico ou mecânico, também possa diminuir ou aumentar a porosidade/permeabilidade da argila” (FACCIO, 1998).

Na terceira classe de análise, teve como objetivo observar a espessura da peça e, da mesma forma, terá como medida a maior espessura da peça cerâmica daquele fragmento, com o auxílio do paquímetro.

Depois, na quarta classe, procurou-se analisar e especificar o grau de queima do material cerâmico. Podem-se observar os seguintes tipos de queima: 1: seção transversal, sem presença de núcleo, com cor uniforme variando do laranja-tijolo ao amarelo; 2: seção

transversal, sem presença do núcleo, com cor uniforme variando do cinza-claro ao pardo; 3: seção transversal, com presença de núcleo central escuro e uma camada interna e externa clara; 4: seção transversal, sem presença de núcleo, com cor uniforme variando do cinza escuro ao preto; 5: seção transversal, com uma camada clara na parte externa e uma camada escura na interna e, por último, a queima 6: seção transversal, com uma camada clara na parte interna e uma camada escura na parte externa (FACCIO, 1998).

Em relação à quinta classe, observamos o tratamento de superfície do material cerâmico, com as seguintes variáveis: ausência de tratamento na face interna e externa, alisamento na face externa, alisamento na face interna, alisamento na face interna e externa, polimento na face interna, polimento na face externa, polimento na face interna e externa, brunidura (enegrecimento) e lustro. Na sexta classe analisa-se a decoração com os seguintes tipos: liso, entalhado, inciso (FACCIO, 1998).

Na sétima classe foi analisada a técnica de manufatura realizada durante a confecção do objeto, como o roletado (acordelado), anelado, modelado à mão (FACCIO, 1998).

A décima oitava classe refere-se às marcas de uso, entre as variáveis: fuligem na superfície externa, depressões circulares causadas por líquidos na face interna, desgaste por atrito na parte superior da borda interna e pequenas depressões circulares densas, com diâmetro de até três milímetros na face interna (FACCIO, 1998).

A décima nona classe abordou o estado de conservação da peça arqueológica, observando a superfície de cada peça e se houve alguma alteração por desgaste, decomposição, ação da água e ação de queimadas recentes (FACCIO, 1998).

No que tange a caracterização da área de estudo e seus diversos aspectos, como por exemplo, Relevô, Hidrografia, Etno-história Regional, foram utilizadas bibliografias complementares e o Diagnóstico Arqueológico prospectivo da área de plantio de cana-de-açúcar da Usina COCAL, Unidade de Narandiba. O teor deste documento e suas etapas serão expostas nos próximos capítulos.

Deste modo, para a caracterização da área, utilizou-se nessa monografia uma perspectiva interdisciplinar proposta pelo professor José Luiz de Moraes, denominada de “fator Geo”, recorrendo a áreas de estudo como a Geografia, Geomorfologia e Geoprocessamento, para sistematização e interpretações dos dados obtidos.

Nesse sentido, a aplicação do SIG (Sistemas de Informações Geográficas) em pesquisas como essa permite a análise dos atributos arqueológicos associados aos

geográficos e “isto apresenta a possibilidade de rastrear a distribuição e os movimentos, assim como as interações entre culturas arqueológicas” (CSÁKI; JEREM, 1995, p. 85).

Para isso, o SIG será utilizado como subsídio às análises espaciais, e também para produção cartográfica dessa pesquisa. Esse sistema é definido em duas categorias: - 1ª O SIG é um campo de pesquisa que contém um **amplo conjunto de questões de análise espacial** - o SIG como ciência da informação geográfica; 2ª **O SIG é uma caixa de ferramentas de múltiplos usos técnicos** – conjunto de técnicas auxiliares às ciências em geral (GOODCHILD, 1992). Na primeira definição, o SIG está voltado para os paradigmas da ciência da informação geográfica - *GISystem* por *GIScience*, em que Science está relacionada à ciência da informação geográfica. Neste nível, apresenta funções de análise de mapas com base teórico-metodológicas que foram estabelecidas pela análise espacial. Já no segundo nível, o SIG é visto como conjunto de técnicas a serviço de uma ciência, seja pelo sistema de tratamento de imagens ou ao sistema e acesso a banco de dados (FERREIRA, 2006).

Desta maneira, a distribuição espacial dos vestígios arqueológicos, inicialmente foi classificada pelo tipo e quantidade de material arqueológico (cerâmica, lítico lascado, lítico polido e arte rupestre), com suas respectivas coordenadas em formato KML – coordenadas UTM (arquivo compatível com GoogleEarth Pro). Após o gerenciamento desses dados foram inseridos no software Q.GIS 3.22 a fim de mapear a dispersão dos vestígios por meio de pontos, linhas e polígonos correspondendo sua localização e concentração de materiais arqueológicos no perímetro dos sítios arqueológicos de pequeno porte, com destaque para a concentração dos vestígios arqueológicos no diagnóstico de campo, no ano de 2016.

Ademais, foi utilizado uma malha de coordenadas e suas respectivas altimetrias, por meio do *Google Earth Pro* (2022) coletadas no interior do polígono do Sítio Arqueológico, para realização do Modelo Digital de Elevação. Este procedimento foi realizado no *Surfer 16*.

Sendo assim, para o mapeamento e para a interpretação dos dados geoespaciais utilizados na monografia em tela, contamos com o *software* Qgis, versão 3.22, *Google Earth Pro* (2022), *Surfer 16* e GPS Visualizer (2022). Já as bases de dados utilizadas para as produções cartográficas foram adquiridas no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), DataGEO e no Diagnóstico Arqueológico Prospectivo da Usina COCAL – Narandiba, SP.

Além disto, foram utilizadas as bases de dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo elas o Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) para levantamento e caracterização complementar dos sítios arqueológicos da região do baixo Paranapanema.

Nesta etapa vamos expor a metodologia do Diagnóstico Arqueológico Prospectivo da Usina COCAL – Narandiba, SP, realizado pela equipe da Arqueologia Preventiva, de responsabilidade técnica da Dra. Neide Barrocá Faccio.

Desta maneira, a metodologia que abrange o diagnóstico prospectivo tem por base os procedimentos adotados por Moraes (2005; 2008). Assim, os elementos conceituais e metodológicos se dão a partir da arqueologia da paisagem, devido ao seu alinhamento com questões relacionadas ao licenciamento ambiental (MORAIS, 2012).

Segundo a metodologia proposta pelo autor, inicialmente aplicada nas etapas iniciais da investigação, o modelo científico composto para subsidiar o estudo da arqueologia preventiva teria como base a investigação, leitura e análise de alguns parâmetros. São eles: a evolução do cenário local, a configuração do empreendimento, os indicadores arqueológicos e o diagnóstico arqueológico prospectivo.

A evolução do cenário local se debruça sobre a avaliação do aspecto original das áreas diretamente afetadas com o reconhecimento das transformações motivadas pela variação do uso e ocupação do solo, convergido para o quadro atual. No que tange a configuração do empreendimento, trata-se de levantar características do empreendimento (implantação, ocupação e funcionamento), levando em conta seu potencial de impacto sobre eventuais registros arqueológicos na área (MORAIS, 2012).

Em relação aos indicadores arqueológicos, o planejamento estratégico privilegia a leitura, a análise e a consolidação dos indicadores potenciais da presença de sítios arqueológicos na área afetada diretamente pelo empreendimento. O que dá sustento ao modelo são as análises e interpretações temáticas focadas em sensores remotos que permitem a interpretação da paisagem, através do suporte das disciplinas relacionadas ao meio físico-biótico, para a avaliação de tais indicadores, especialmente quando se trata da arqueologia indígena. Além disso, servem também como indicadores arqueológicos as fontes documentais etnográficas, etno-históricas e históricas ligadas ao universo multivariado da sociedade nacional (MORAIS, 2012).

Por fim, no diagnóstico prospectivo realiza-se o procedimento que proporciona o levantamento, o reconhecimento de toda a área através do planejamento e execução de

caminhamentos sistemáticos em superfície e intervenções amostrais em subsuperfície (MORAIS, 2012).

De acordo o autor,

Ainda nas etapas preliminares da pesquisa, seria procedimento liminar a adequada definição do quadro das áreas de influência do empreendimento, considerando a preservação integral da arqueoinformação. Em face do estatuto do objeto em pauta – o patrimônio arqueológico – este assunto é simultaneamente enfocado na perspectiva de investigação, gestão e manejo patrimonial, entendendo as prerrogativas técnico-científicas e jurídicas do patrimônio arqueológico (MORAIS, 2012, p. 40).

Sendo assim, algumas das operações realizadas durante o processo de diagnóstico arqueológico prospectivo são a análise do meio físico-biótico do entorno de ambientação, especialmente as condições originais, pretéritas à utilização da área, além da análise de perfis naturais. O mesmo abrange a execução da documentação gráfica e fotográfica, a interpretação de fotos de áreas e de cartas geológicas, a fim de cartografar geoindicadores arqueológicos (MORAIS, 1999).

São realizadas também vistoriais de campo, que abrangem o caminhamento sistemático para a identificação de possíveis registros arqueológicos, através dos geoindicadores⁴, sendo realizado em áreas próximas a APPS ou de forma esparsa em regiões com a ausência de tais indicadores arqueológicos.

Por fim, são executadas sondagens sistemáticas, buscando rastrear eventuais registros arqueológicos em sub-superfície em áreas não pavimentadas em alta, média e baixa vertente. Além disso, o georreferenciamento dos materiais arqueológicos é realizado para possibilitar a sua localização no mapa.

Quando são encontrados vestígios arqueológicos no empreendimento, os mesmos têm suas amostras coletadas para a análise em laboratório, sendo utilizada uma metodologia de análise proposta no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), da Universidade de São Paulo (USP). No procedimento de estudo, é privilegiado uma análise

⁴ Segundo Morais (1999) os Geoindicadores são elementos do meio físico-biótico dotados de alguma expressão locacional para os sistemas regionais de povoamento, indicando locais de assentamentos antigos. Exemplo desses indicadores são, as cascalheiras de litologia diversificada (matérias-primas para o lascamento), os barreiros (argila para a cerâmica), os compartimentos topomorfológicos adequados para determinado tipo de assentamento e os trechos de evidente manejo agroflorestral. Sendo assim, os geoindicadores arqueológicos sustentam um eficiente modelo locacional, de caráter preditivo, muito útil no conhecimento e levantamento arqueológico.

tecnológica que busca investigar o processo de cadeia operatória de produção do material arqueológico.

Para compreendermos o entorno do sítio arqueológico São Saprino e os aspectos do meio físico e terrestre, de sua área e de seu entorno, utilizaremos uma abordagem interdisciplinar desenvolvida no ano de 2011, por José Luiz de Moraes, em que apresentou o livro “Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema”, com o intuito de mostrar as relações interdisciplinares entre Geografia, Geomorfologia e Geologia, definindo assim o “*fator geo*” (MORAIS, 2011, p.13).

O “*fator geo*, segundo Moraes (2011) se distribui no âmbito de dois subcampos consolidados na Arqueologia: a Geoarqueologia e a Arqueologia da Paisagem. No que tange a Geoarqueologia, percebe-se sua característica interdisciplinar que reconhece a importância dos fatores naturais na dinâmica de cada grupo humano, constatando a relevância das interfaces entre Arqueologia, Geografia, Geomorfologia e a Geologia, no que diz respeito ao levantamento e estudo de ocupações humanas pretéritas

Desta maneira, de acordo com o autor:

a Arqueologia da Paisagem - *landscape archeology* - milita na intersecção de vários ramos de núcleos disciplinares, recorrendo aos dados da Biogeografia, Geocartografia, Geografia Humana e Econômica, Geopolítica, Geoarqueologia, Zooarqueologia, Arqueobotânica, bem como aos de outras disciplinas, tais como História, Antropologia, Sociologia, Arquitetura, Urbanismo e Ecologia. Entender a Geografia e o Meio Ambiente de uma determinada área é, assim, um importante aspecto da pesquisa arqueológica. Permite, outrossim, que um olhar isolado no passado possa ser inserido em um contexto amplo e melhor compreensível (MORAIS, 2011, p.31).

Ainda com base nos estudos de Moraes (2011), entender o entorno de ambientação onde se insere um sítio arqueológico, construído e reconstruído de acordo com o uso e ocupação do solo, auxilia na compreensão da vida e cultura de povos pretéritos.

Para a análise de padrão de assentamento do Sítio Arqueológico São Saprino, buscou-se compreender, por meio da proposta de Moraes (1999), a relação dos vestígios arqueológicos e sua distribuição na área do sítio, evidenciando informações relacionadas à localização, nível de degradação do sítio, características dos aspectos físicos da região, além da disponibilidade de recursos naturais.

O termo padrão de assentamento analisa a distribuição dos registros arqueológicos em determinada área geográfica, mostrando as relações das comunidades

do passado com o meio ambiente e as relações entre elas próprias no contexto ambiental, representado pela estratégia de subsistência, estruturas políticas e sociais ou densidade da população, constituindo alguns dos fatores que influenciaram a distribuição do povoamento, desenhando os padrões de assentamento (MORAIS, 2000).

2 Caracterização da área de estudo

2.1 Aspectos do Meio Físico e Terrestre da área estudada

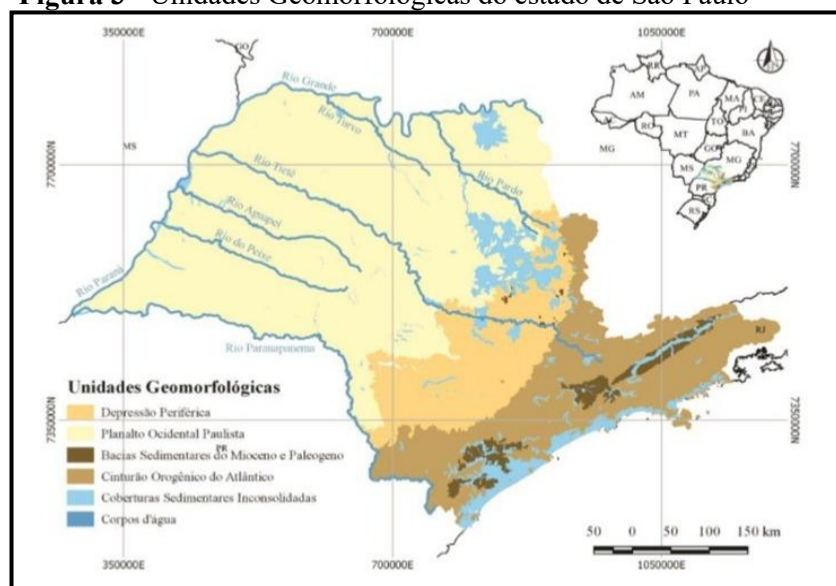
Caracterizamos, de forma breve, as seguintes atribuições da área de entorno do sítio arqueológico: clima, geomorfologia, geologia, hidrografia e vegetação. Ao tratarmos de clima do território paulista, as principais correntes de circulação atmosférica da América do Sul atuam sobre o estado, que são as massas tropicais Atlântica e Continental e a Polar Atlântica, complementadas pela Equatorial Continental proveniente da Amazônia Ocidental. Na área do empreendimento, é predominantemente continental, dada participação dos sistemas atmosféricos do Centro-Oeste do Brasil (FACCIO, 2016).

Nessa região, a Umidade Relativa do Ar fica em torno de 72%, apresentando os valores mais baixos de julho a novembro. Quanto aos ventos, a velocidade média anual está na faixa de 1,60 m/s (FACCIO, 2016).

A caracterização do relevo permite fornecer elementos para planejamento regional, avaliação de facilidades/dificuldades de urbanização, reconhecimento pedológico, tipo de manejo agrícola, bem como a distribuição e a intensidade dos processos erosivos atuantes nos diferentes padrões morfológicos.

No que diz respeito sobre a caracterização geomorfológica, os sítios apresentados estão localizadas no Planalto Ocidental Paulista e suas formas de relevo correspondem às Colinas Amplas, áreas extensas e bastante suavizadas, sendo que a **Figura 3** representas as unidades Geomorfológicas do estado de São Paulo e a **Foto 1** ilustra a visão geral da forma das Colinas Amplas presente no empreendimento.

Figura 3 - Unidades Geomorfológicas do estado de São Paulo



Fonte: Faccio (2019)

Foto 1: Área de plantio de cana-de-açúcar da COCAL.



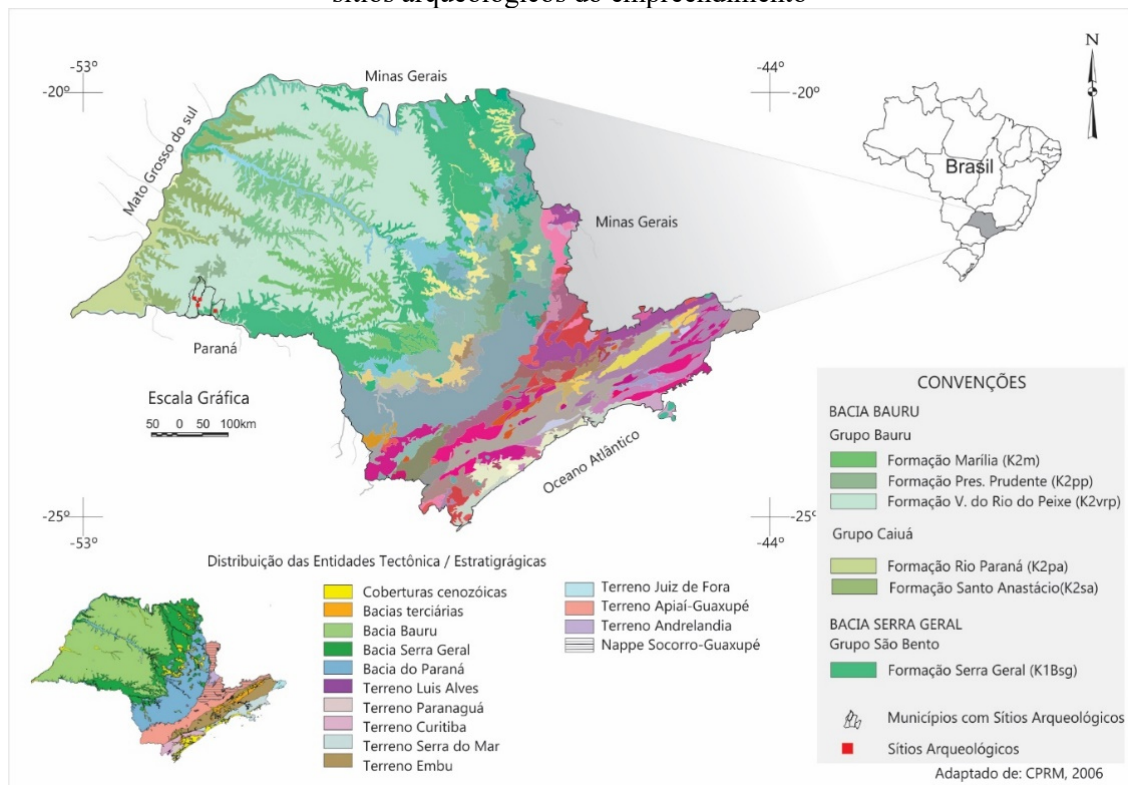
Fonte: Faccio (2016).

A área estudada situa-se na borda noroeste da Bacia do Paraná, unidade geotectônica estabelecida por subsidência sobre a Plataforma Sul-Americana a partir do Siluriano/Devoniano Inferior e que atingiu sua máxima expansão entre o Carbonífero Superior e o final do Permiano. A Bacia do Paraná, após atravessar longo período de relativa estabilidade, cujo apogeu, no Permiano, é marcado pela deposição de sedimentos do Subgrupo Irati começa a registrar os primeiros sinais dos intensos processos tectônicos que culminaram, no início do Cretáceo, com o extravasamento das lavas basálticas da Formação Serra Geral (HACHIRO et al. 1993).

Desta maneira, a região do empreendimento está integralmente inserida na Bacia Sedimentar do Paraná, unidade geotectônica estabelecida sobre a plataforma Sul-Americana a partir do Devoniano Inferior que ocupa, dentro do território brasileiro, extensão superficial de cerca de 1.100.000 Km².

Quanto à Geologia, das quatro formações que constituem o Grupo Bauru, de idade cretácea, ocorre na região de estudo somente a Formação Adamantina cuja área de abrangência contínua se estende a um raio de 50 km a partir de Presidente Prudente (**Figura 4**).

Figura 4: Mapa Geológico do Estado de São Paulo com a área dos municípios que contém os sítios arqueológicos do empreendimento



Fonte: Faccio (2020) **Organização:** Boin e Nunes (2020).

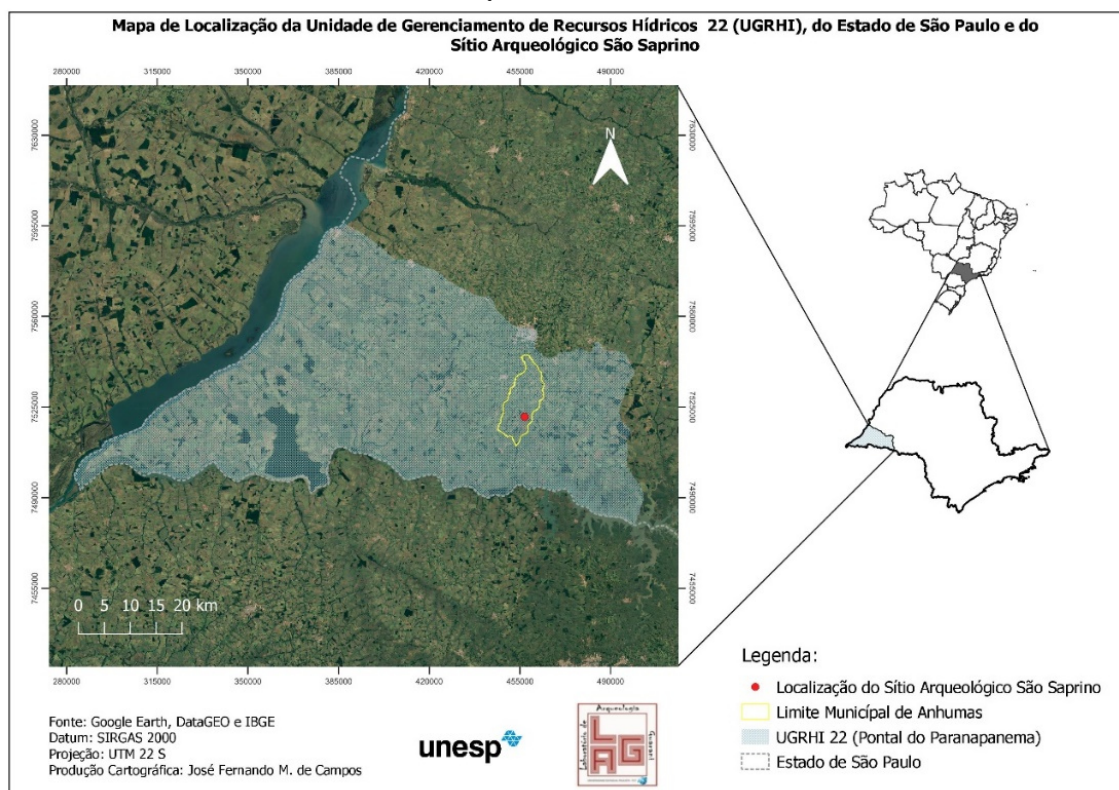
Portanto, a região apresenta nível de fragilidade potencial elevada, apresentando formas muito dissecadas com vales entalhados associados a vales pouco entalhados, com alta densidade de drenagem. As áreas estão sujeitas a processos erosivos agressivos, com probabilidades de ocorrência de movimentos de massa e erosão linear com voçorocas (ROSS; MOROZ, 1997).

Segundo a Carta Geotécnica do Estado de São Paulo em escala 1:500.000, o local de estudo possui muito alta susceptibilidade à erosão por sulcos, ravinas e voçorocas no âmbito das colinas e alta susceptibilidade a escorregamentos (naturais e induzidos) nos setores escarpados ao sul e a oeste da mancha urbana (Nakazawa, V. *et alii*, 1994).

Assim, está situada na classe de média a alta suscetibilidade à erosão, que se caracteriza geologicamente pelo predomínio de rochas sedimentares do Grupo Bauru (Formação Adamantina) e rochas vulcânicas do Grupo São Bento (Formação Serra Geral), geomorfologicamente por relevo colinas de amplas e pedologicamente por Latossolos Vermelhos (LV) e Podzolos Vermelhos (PV) (COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO PONTAL DO PARANAPANEMA, 2001).

No que diz respeito aos recursos hídricos, os sítios arqueológicos estão inseridas na UGRHI 22 – Pontal do Paranapanema (**Figura 5**), que possui área drenada de 11.838 km² e conta com 26 municípios, sendo 6 com sede urbana em outras unidades.

Figura 5: Mapa de localização do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP, em relação a UGRHI 22.



Fonte: Faccio (2016) **Organização:** o autor (2023).

Ao analisarmos a vegetação dos municípios, observamos que pertencem à região fitogeográfica do Domínio Tropical Atlântico (ou “domínio da Mata Atlântica”) em transição ao Domínio dos Cerrados 4, existindo vários remanescentes de vegetação nativa, representados por fragmentos florestais de diferentes tamanhos, graus de isolamento e tipos de vegetação, destacando-se a vegetação savânica, pertencente ao bioma Cerrado e as florestas estacionais semidecíduais, que são formações do bioma Mata Atlântica (FACCIO, 2016).

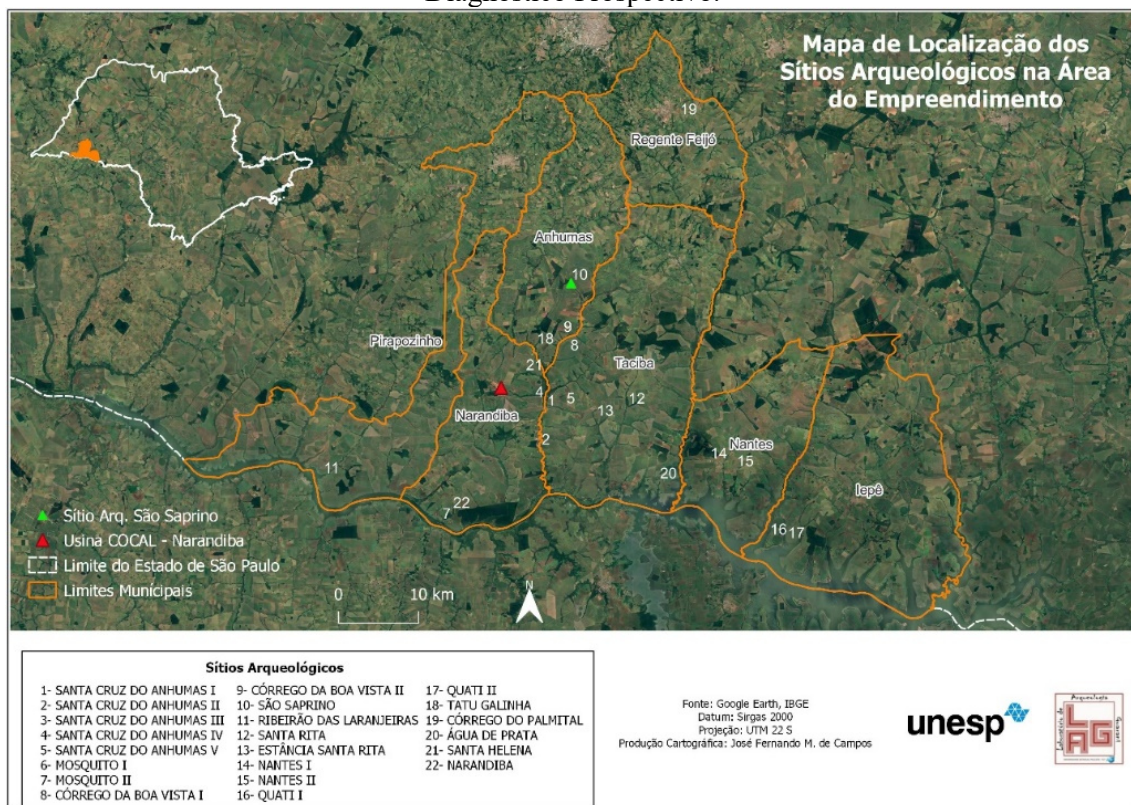
Tais remanescentes encontram-se imersos em uma matriz antrópica na qual os principais elementos são extensos cultivos de cana-de-açúcar e áreas destinadas à pecuária extensiva (pastagens). Em geral, os fragmentos ocorrem dentro dos limites de propriedades particulares, correspondendo a áreas de Reserva Legal ou Áreas de Preservação Permanente (APP).

Dessa forma, as propriedades particulares acabam comportando grande parte da flora e fauna da região, uma vez que áreas de proteção natural sob a forma de unidades de conservação ocorrem em pequeno número no Pontal do Paranapanema.

2.2 Sítios Arqueológicos localizados pelo Diagnóstico Prospectivo

Ao realizar as etapas do procedimento de prospecção, foram encontrados 22 sítios arqueológicos na área de empreendimento da Usina COCAL (Figura 6), de diversas características. Dos sítios, apenas um apresentou gravuras rupestres. A maior parte apresentou materiais líticos lascados e cerâmicos. Apenas dois sítios apresentam lítico polido.

Figura 6: Mapa dos Sítios Arqueológicos da área do empreendimento localizados pelo Diagnóstico Prospectivo.



Fonte: Faccio, (2016) **Organização:** o autor (2023).

O Sítio localiza-se na Bacia Sedimentar do Rio Paraná com relevo de colinas amplas e bastante suavizadas, como podemos observar nas **Fotos 2, 3 e 4** (FACCIO, 2016).

Foto 2: Paisagem da área do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP.
Área de pasto próxima ao Sítio Arqueológico.



Fonte: Faccio et all (2016).

Foto 3: Paisagem do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP.
Divisa do pasto com a área de plantio de cana.



Fonte: Faccio et all (2016).

Foto 4: Paisagem do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP.
Área de remanescentes de vegetação nativa.



Fonte: Faccio et all (2016).

O **Quadro 1** apresenta os municípios para a área dos 22 sítios arqueológicos além dos materiais encontrados durante a realização de diagnóstico e prospecção. Classificamos como sítio arqueológico uma área que apresente uma ou mais peças arqueológicas associadas às características do meio físico (FACCIO, 2016).

Quadro 1: Sítios arqueológicos da área de plantio de cana-de-açúcar da Cocal.

Sítios	Municípios de localização dos Sítios	Materiais do sítio
Narandiba	Narandiba	Arte rupestre
Santa Cruz de Anhumas I	Taciba	Cerâmico, Lítico Polido e Lascado
Santa Cruz de Anhumas II	Taciba	Lítico Lascado
Santa Cruz de Anhumas III	Narandiba	Cerâmico
Santa Cruz de Anhumas IV	Narandiba	Lítico Lascado
Santa Cruz de Anhumas V	Taciba	Cerâmico
Mosquito I	Narandiba	Lítico Lascado
Mosquito II	Narandiba	Lítico Lascado
Córrego da Boa Vista I	Taciba	Cerâmico
Córrego da Boa Vista II	Anhumas	Lítico Lascado

São Saprino	Anhumas	Cerâmico
Ribeirão das Laranjeiras	Pirapozinho	Cerâmico e Lítico Polido
Santa Rita	Taciba	Lítico Lascado
Estância Santa Rita	Taciba	Lítico Lascado
Nantes I	Nantes	Lítico Lascado e Cerâmico
Nantes II	Nantes	Lítico Lascado e Cerâmico
Quati I	Iepê	Lítico Lascado e Cerâmico
Quati II	Iepê	Lítico Lascado
Tatu Galinha	Anhumas	Lítico Lascado e Cerâmico
Córrego do Palmital	Regente Feijó	Lítico Lascado e Cerâmico
Santa Helena	Anhumas	Cerâmico
Água de Prata	Taciba	Cerâmico

Fonte: Faccio, 2016. **Organização:** o autor (2023).

Dos 22 sítios prospectados, um apresentou gravuras rupestres; um apresentou cerâmica e lítico polido; cinco apresentaram líticos lascados e cerâmicas; um apresentou cerâmicas, líticos lascados e líticos polidos; oito apresentaram apenas líticos lascados e seis apresentaram apenas cerâmicas (FACCIO, 2016).

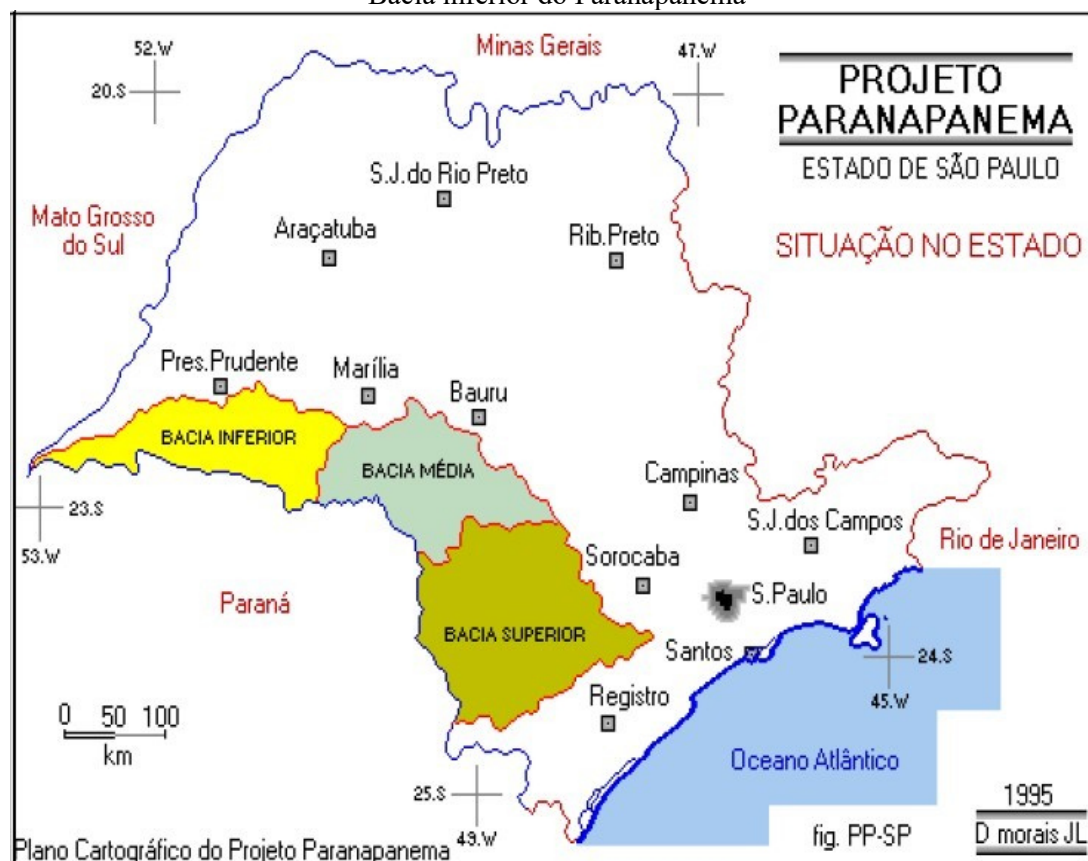
Deste modo, dos sítios que apresentaram cerâmica, quatro foram classificados como Itararé/Tupiguarani; seis como Tupiguarani e dois como Itararé. O sítio com arte rupestre, provavelmente é Tupiguarani. Já o Sítio Arqueológico São Saprino não foi possível realizar a classificação em relação à tradição cultural, devido a pequena quantidade de materiais cerâmicos encontrados até o momento, visto que o sítio não passou pelas etapas de resgate arqueológico.

Para a área de cada um dos 22 sítios arqueológicos, foram escavadas 12 sondagens no diagnóstico prospectivo. Além das 264 sondagens, algumas quadrículas foram feitas, mas em nenhuma das sondagens ou quadrículas foi verificada a presença de vestígios arqueológicos, sendo encontrados somente em superfície (FACCIO, 2016).

2.3 Caracterização da Arqueologia Regional

Os Municípios de Narandiba, Álvares Machado, Pirapozinho, Taciba, Nantes, Anhumas, Regente Feijó, Iepê, Presidente Bernardes, Estrela do Norte, Tarabai e Martinópolis estão localizados no Oeste do Estado de São Paulo, na região da Bacia Inferior do Rio Paranapanema (**Figura 7**).

Figura 7 - Plano Cartográfico do Projeto Paranapanema⁵ de Moraes (1995) e localização da Bacia inferior do Paranapanema



Fonte: Faccio (2011).

Sendo assim, com base na pesquisa realizada no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CSNA), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e no Relatório de Diagnóstico Arqueológico Prospectivo e Programa de

⁵ O Projeto Paranapanema – PROJPAR – criado por Luciana Pallestrini em 1968, diz respeito a um programa interdisciplinar e interinstitucional que tinha por objetivo identificar e analisar os cenários das ocupações humanas e seu meio ambiente. Após o ano de 1993, com novos redirecionamentos de seus propósitos, o projeto passou a abarcar temas referentes ao território, desenvolvimento e meio ambiente. Assim, de forma breve, o projeto atua através de um conjunto buscando a definição, análise e síntese dos cenários de ocupação humana da Bacia do Rio Paranapanema (MORAIS, 2011).

Educação Patrimonial, COCAL, Narandiba – SP, de 2016, dos 12 municípios da região, 11 registraram a presença de vestígios arqueológicos.

A região do Pontal do Paranapanema, que compreende o território desses municípios, apresenta grande potencial para a arqueologia, totalizando 56 Sítios Arqueológicos no recorte espacial proposto para esta pesquisa (**Quadro 2**).

Quadro 2: Sítios Arqueológicos da Região do Pontal do Paranapanema, SP.

Municípios de localização dos Sítios	Nome dos Sítios	Materiais do Sítio
Álvares Machado	Sítio Aleixo	Lito-Cerâmico
Álvares Machado	Sítio Kurubayashi I	Lítico
Álvares Machado	Sítio Kurubayashi II	Lito-Cerâmico
Anhumas	Córrego Da Boa Vista II	Lítico
Anhumas	Tatu Galinha	Lito-Cerâmico
Anhumas	Santa Helena	Cerâmico
Anhumas	São Saprino	Cerâmico
Estrela do Norte	Sítio Ribeirão Das Laranjeiras	Histórico
Estrela do Norte	Pirapozinho	Cerâmico
Iepê	Casanova 1	Cerâmico
Iepê	Casanova 2	Lito-Cerâmico
Iepê	Casanova 3	Lito-Cerâmico
Iepê	Casanova 4	Cerâmico
Iepê	Casanova 5	Cerâmico
Iepê	Casanova 6	Cerâmico
Iepê	Quati I	Lito-Cerâmico
Iepê	Quati II	Lítico
Iepê	Sítio Roberto Ekman Simões	Lítico
Iepê	Lagoa Seca	Cerâmico
Iepê	Aguinha	Cerâmico

Iepê	Terra Do Sol Nascente	Cerâmico
Iepê	Pernilongo	Cerâmico
Iepê	Vallone	Lítico
Iepê	Ragil	Cerâmico
Iepê	Ragil II	Cerâmico
Iepê	Capisa	Cerâmico
Martinópolis	Biazi	Cerâmico
Martinópolis	Fachiano	Cerâmico
Narandiba	Sítio Narandiba	Lítico e Arte Rupestre
Narandiba	Sítio Narandiba 2	Cerâmico
Narandiba	Sítio Narandiba 3	Lítico
Narandiba	Santa Cruz De Anhumas III	Cerâmico
Narandiba	Santa Cruz De Anhumas IV	Lítico
Narandiba	Mosquito I	Lítico
Narandiba	Mosquito II	Lítico
Narandiba	Narandiba	Arte Rupestre
Nantes	Nantes I	Lito-Cerâmico
Nantes	Nantes II	Lito-Cerâmico
Pirapozinho	Ribeirão Das Laranjeiras	Lito-Cerâmico
Pirapozinho	Itororó	Lito-Cerâmico
Pirapozinho	Água Sumida	Lítico
Pirapozinho	Água Sumida 2	Lítico
Pirapozinho	Alvim	Lito-Cerâmico
Pirapozinho	Pedreira	Lítico
Pirapozinho	Pedreira 2	Lítico
Pirapozinho	Laranjeiras	Cerâmico

Presidente Bernardes	Breschi I	Cerâmico
Presidente Bernardes	Breschi II	Lito-Cerâmico
Regente Feijó	Córrego Do Palmital	Lito-Cerâmico
Taciba	Estância Santa Rita	Lítico
Taciba	Sítio Água Da Prata	Lítico
Taciba	Santa Rita	Lítico
Taciba	Córrego Da Boa Vista I	Cerâmico
Taciba	Sítio Santa Cruz De Anhumas I	Lito-Cerâmico
Taciba	Sítio Santa Cruz De Anhumas II	Lítico
Taciba	Sítio Santa Cruz De Anhumas V	Cerâmico

Fonte: Faccio (2016, 2011); CNSA (2023); Luz e Faccio (2021). **Organização:** o autor (2023).

No Município de Narandiba, SP, existem oito sítios arqueológicos: Narandiba, Narandiba 2, Narandiba 3, Sítio Narandiba, Santa Cruz do Anhumas III, Santa Cruz do Anhumas IV, Sítio Mosquito I e Sítio Mosquito II (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016)

O Sítio Arqueológico Narandiba foi cadastrado no CNSA/IPHAN, no ano de 1999, pelos pesquisadores José Luiz de Moraes e Ruth Kunzli. Esse sítio foi encontrado próximo do Córrego Água das Pedras, na Bacia do Rio Paranapanema (FACCIO, 2016).

O Sítio Narandiba 2, outra descoberta do pesquisador José Luiz de Moraes, trata-se dos remanescentes de uma aldeia indígena de agricultores, em gruta, na qual foram evidenciados materiais cerâmicos (FACCIO, 2016).

O Sítio Narandiba 3 foi cadastrado no CNSA/IPHAN, no ano de 1999, também pelo pesquisador José Luiz de Moraes. Trata-se dos remanescentes de um acampamento de caçadores-coletores. Esse sítio foi encontrado a aproximadamente dois metros de distância do Rio Paranapanema (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Sítio Narandiba está localizado em área rural do município de Narandiba, SP. Trata-se de um sítio de gravuras rupestres totalizando 84 representações, sobre piso de basalto, próximo ao Ribeirão das Pedras (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Santa Cruz do Anhumas III foi identificado em área rural do Município de Narandiba, SP, na área da Fazenda Santa Cruz. O sítio foi identificado

em área de planície, a aproximadamente 300 metros de distância do Ribeirão Anhumas, que é afluente do Rio Paranapanema (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Santa Cruz do Anhumas IV está localizado no Município de Narandiba, SP, em uma área de média a baixa vertente, a poucos metros do Ribeirão de Anhumas. O sítio foi descoberto nas etapas do Diagnóstico Arqueológico Prospectivo da equipe denominada “Arqueologia Preventiva”, coordenados pela Professora Doutora Neide Barrocá Faccio (FACCIO, 2016).

O Sítio Mosquito I apresenta cinco líticos lascados, sendo um núcleo, um instrumento e três lascas, todas em arenito silicificado. O sítio foi identificado em APP, na área da Mata do Mosquito. A distância entre o Sítio Mosquito I e II é de aproximadamente 500 metros (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Mosquito II foi identificado em área rural do Município de Narandiba, na propriedade rural Fazenda Mosquito. Os materiais identificados são peças líticas lascadas (FACCIO, 2016).

Na área que corresponde ao município de Álvares Machado, SP, foram registrados três sítios arqueológicos: Aleixo, Kurubayashi I e Kurubayashi II, sendo cadastrados, no ano de 1996, pela pesquisadora Ruth Kunzli (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016).

O Sítio Aleixo é um sítio lito-cerâmico a céu aberto, no qual foram encontrados materiais líticos lascados e cerâmicos

No Município de Pirapozinho, SP, registrou-se oito sítios arqueológicos, sendo eles, Ribeirão das Laranjeiras, Itororó, Água Sumida, Água Sumida 2, Alvim, Pedreira, Pedreira 2 e Laranjeiras (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Ribeirão das Laranjeiras foi identificado em área rural do distrito de Itororó do Paranapanema, Município de Pirapozinho, SP. O sítio está localizado em área de média baixa vertente, próximo Rio Paranapanema. A proximidade entre a área do Sítio Arqueológico Laranjeira e o Rio Paranapanema é de aproximadamente dois metros (FACCIO, 2016).

O Sítio Itororó foi registrado no CNSA, no ano de 1996, pela pesquisadora Ruth Kunzli. Trata-se de um sítio lito-cerâmico a céu aberto. Foram encontrados materiais líticos, cerâmicos, crânio e ossos quebrados (tíbia, perônio, calcâneo) (FACCIO, 2016).

O Sítio Água Sumida foi registrado pelos pesquisadores José Luiz de Moraes e Emília M. Kashimoto, no ano de 1999. Trata-se de um acampamento de caçadores-coletores (FACCIO, 2016).

O Sítio Água Sumida 2 está localizado no Município de Pirapozinho-SP. Esse sítio foi estudado por Donizete Rodrigues. De acordo com o autor, as peças foram produzidas, essencialmente, sob seixos de sílex, tratando-se de uma indústria sobre pequenos seixos de cascalheiras. Tal como as indústrias analisadas pelo mesmo autor na Bacia do Palmital, localizadas no médio Paranapanema, nesse sítio há grande quantidade de lascas retocadas com talão suprimido e peças com talão liso. Porém, a lascas de descorticação não ocorreram nos sítios da Bacia do Palmital e foram frequentes nos Sítios Água Sumida e Água Sumida II (FACCIO, 2016).

Outra característica marcante dos Sítios Água Sumida e Água Sumida II é a porcentagem elevada de núcleos esgotados e de lascas com trabalhos secundários. Segundo Rodrigues (1987), esta ocorrência está relacionada ao melhor aproveitamento da matéria-prima, provavelmente, pela quantidade limitada de cascalheiras na área. O Sítio Água Sumida 2 foi registrado pelos pesquisadores José Luiz de Moraes e Donizete A. Rodrigues, no ano de 1999.

O Sítio Alvim foi registrado pelos pesquisadores José Luiz de Moraes e Neide Barrocá Faccio. Apresentou vestígios arqueológicos relacionados a um aldeamento Guarani (século XVII), datado de +- 903 anos A. P. e outros relacionados a um acampamento de caçadores-coletores. Esse sítio também apresentou material histórico proveniente do contato dos jesuítas com os indígenas (FACCIO, 2016).

O Sítio Alvim está localizado no município de Pirapozinho, SP. Esse sítio foi objeto de estudo de Neide Barrocá Faccio e, posteriormente, de Emília Kashimoto. A partir da análise realizada por Faccio (1992), podemos conhecer características da indústria lítica desse sítio. São elas: frequência predominante de lascas, seguidas pelos resíduos, artefatos e percutores, respectivamente. Presença de seixos, com marcas de uso em todo o contorno das peças, provavelmente, devido à utilização como percutores e predomínio da percussão direta com percutor duro, como técnica de lascamento, entre outras características (FACCIO, 2016).

Os Sítios Pedreira e Pedreira 2 foram registrados pelos pesquisadores José Luiz de Moraes e Emília M. Kashimoto, no ano de 1999. Ambos foram caracterizados como sítio acampamento de caçadores-coletores (FACCIO, 2016).

Por fim, o Sítio Laranjeiras foi registrado pelos pesquisadores José Luiz de Moraes e Ruth Kunzli, no ano de 1999. Trata-se de uma aldeia de grupos ceramistas.

No Município de Iepê, SP, foi constatado o registro de 17 sítios arqueológicos: Casanova 1, Casanova 2, Casanova 3, Casanova 4, Casanova 5, Casanova 6, Sítio Quati I, Sítio Quati II, Roberto Ekman Simões, Lagoa Seca, Aguinha, Terra do Sol Nascente, Pernilongo, Vallone, Ragil, Ragil II e Capisa (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016).

Os Sítios Casanova 1, Casanova 2, Casanova 3, Casanova 4, Casanova 5 e Casanova 6 foram cadastrados no CNSA/IPHAN pelo Pesquisador Igor Chmyz, no ano de 1997 e foi localizado a, aproximadamente, 180 metros do Rio Paranapanema. Trata-se de um sítio cerâmico superficial, do período pré-histórico (FACCIO, 2016).

O Sítio Casa Nova 2 foi localizado, próximo a um riacho sem denominação, na região do Rio Paranapanema. Na área desse sítio foram encontrados materiais líticos lascados e cerâmicos do período pré-históricos (FACCIO, 2016).

O Sítio Casa Nova 3 foi localizado a 15 metros de um riacho sem denominação, próximo ao Rio Paranapanema. Trata-se de um sítio lito-cerâmico, do período pré-histórico (FACCIO, 2016).

Os Sítios Casa Nova 4 e 5 foram caracterizados como cerâmico superficial. Ambos foram encontrados a aproximadamente 50 metros do Rio Paranapanema. (FACCIO, 2016).

O Sítio Casa Nova 6 foi localizado próximo a um riacho sem denominação, na região do Rio Paranapanema. Na área desse sítio foram encontrados apenas materiais cerâmicos (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Quati I está localizado na área da Fazenda Santa Maria. O sítio foi identificado em área de média vertente de uma colina ampla, próximo ao Córrego Santa Maria e ao Rio Paranapanema (FACCIO, 2016).

O Sítio Quati II foi identificado em área de média vertente de uma colina ampla, próximo ao Córrego Santa Maria e ao Rio Paranapanema. Neste sítio foram evidenciados apenas materiais líticos lascados (FACCIO, 2016).

Na mesma área, Faccio (2011) registrou a presença de nove sítios arqueológicos. São eles: Roberto Ekman Simões, Lagoa Seca, Aguinha, Terra do Sol Nascente, Pernilongo, Vallone, Ragil, Ragil II e Capisa. São sete sítios de grupos ceramistas Guarani e dois sítios de grupos caçadores-coletores.

O Sítio Roberto Ekman Simões está localizado em área de terraço do Rio Paranapanema e apresentou apenas líticos lascados sobre seixo. Entre os utensílios deste sítio, evidenciou-se ponta de projétil e raspador plano convexo (FACCIO, 2016).

O Sítio Lagoa Seca apresentou uma mancha preta de 3,5 por 7 metros e uma urna funerária com tampa, contendo outra vasilha no seu interior. Na área da mancha preta, foi evidenciada uma fogueira contendo blocos de pedra e cinzas. Essas são as únicas estruturas que conhecemos da área do Sítio Lagoa Seca. O restante, certamente, está imerso nas águas do lago da UHE da Capivara (FACCIO, 2016).

O Sítio Aguiinha apresentou seis urnas funerárias dispostas de forma esparsa pela área do sítio, uma mancha preta distante da área das urnas e uma fogueira contendo blocos de pedra e carvão, aparentemente longe das áreas de enterramento. Analisando a localização dos registros arqueológicos pela área do sítio e conhecendo a “decapagem assistemática”, realizada pelas águas do lago da UHE da Capivara, ao longo de 27 anos, na área do sítio, bem como as características de outros sítios Guarani da área do ProjPar, levantou-se a hipótese de que essa área possuía muitas outras manchas pretas, tendo sido essas solapadas por “decapagens” provocadas pelas correntes de fundo. Isso porque, quando foram encontradas as urnas, essas estavam sem a camada de sedimentos, estimada em pelo menos 15 centímetros, que as cobriam. Já as manchas pretas, quando evidenciadas, possuem entre 15 e 18 centímetros de espessura (FACCIO, 2011).

O Sítio Terra do Sol Nascente não apresentou nenhuma estrutura de atividade humana no pequeno período em que esteve emerso. Contudo, poucas intervenções foram realizadas na área, obrigando-nos a encerrar suas considerações de forma bastante incipiente (FACCIO, 2011).

O Sítio Arqueológico Vallone está localizado na Fazenda Vallone, no município de Iepê (SP), a 100 quilômetros de distância de Presidente Prudente (SP). O sítio possui líticos lascados dispersos desde o entorno da nascente do Córrego do Caracol, na sua margem direita, até a desembocadura desse córrego no rio Paranapanema. (LUZ; FACCIO, 2021)

O Sítio Pernilongo apresentou três urnas funerárias e outras quatro vasilhas, provavelmente utilizadas também como urnas funerárias. Evidenciou-se, também, adornos em resina de jatobá. Essas vasilhas provavelmente foram usadas para enterramento secundário, tendo em vista seu menor tamanho. Outra hipótese seria o enterramento de cabeças, como ocorreu no Sítio Itororó, Pirapozinho, SP (FACCIO, 2011).

O Sítio Ragil, apesar de ter sua maior parte fora da área de inundação do lago da UHE da Capivara, está coberto por pastagem. Dessa forma, apesar de sondagens na área, não foram evidenciadas manchas pretas, embora estas, provavelmente, existam. Quanto ao material cerâmico deste sítio, este encontra-se muito fragmentado. Apenas um fundo de yapepó, provavelmente utilizado para enterramento, foi evidenciado. Dessa forma, para a área deste sítio, não foi possível precisar a localização de urnas ou manchas pretas, que se supõe serem muitas (FACCIO, 2011).

O Sítio Ragil II, por sua vez, apresentou três manchas pretas, de tamanhos diferentes. Na área de pastagem, ao fundo das manchas pretas, foram evidenciadas, de forma esparsa, apenas fragmentos de cerâmica. O Sítio parece estar localizado, a partir das manchas pretas, em direção à área do lago (FACCIO, 2016).

Do Sítio Capisa, totalmente imerso nas águas do lago da UHE da Capivara, não há outras informações além dos fragmentos cerâmicos coletados por Roberto Ekman antes da formação do lago da UHE Capivara (FACCIO, 2011).

Na área que corresponde ao Município de Presidente Bernardes, SP, foram cadastrados dois sítios junto ao Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA): Breschi I e Breschi II (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016).

Registrado pela pesquisadora Ruth Kunzli, no ano de 1996, o Sítio Breschi I trata-se de um sítio cerâmico a céu aberto encontrado próximo ao Córrego Santo Antônio (FACCIO, 2016).

Já o Breschi II, também descoberto pela pesquisadora Ruth Kunzli, no ano de 1996, foram encontrados materiais líticos lascados, polidos e fragmentos cerâmicos, próximo ao Córrego do Abacaxi (FACCIO, 2016).

No Município de Estrela do Norte, SP, foram encontrados dois sítios arqueológicos: Ribeirão das Laranjeiras e Pirapozinho. Os Sítios Ribeirão das Laranjeiras e Pirapozinho foram registrados, no ano de 2000, pela pesquisadora Erika Marion Robrahn-González. (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Ribeirão das Laranjeiras é um sítio histórico, evidenciado em área de meia encosta, próximo a um córrego sem denominação. Na área desse sítio foram evidenciados raros e esparsos fragmentos de telhas e tijolos maciços, fragmentos de frascos e garrafas de vidro, porcelana e pó de pedra. Já o Sítio Pirapozinho trata-se de um aldeamento cerâmico, provavelmente Tupiguarani (FACCIO, 2016).

No Município de Martinópolis, SP, foi observado o registro de dois sítios arqueológicos: Biazi e Fachiano. Esses sítios foram cadastrados pela pesquisadora Ruth Kunzli, no ano de 1996. Ambos foram caracterizados como sítios cerâmicos a céu aberto (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016).

O Município de Taciba, SP, conta com o total de sete sítios arqueológicos denominados Estância Santa Rita, Sítio Água da Prata, Sítio Arqueológico Santa Rita, Córrego da Boa Vista I, Sítio Santa Cruz de Anhumas I, Sítio Santa Cruz de Anhumas II e Sítio Santa Cruz de Anhumas V (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016).

No Sítio Arqueológico Estância Santa Rita foi evidenciada em superfície a presença de dois líticos lascados oriundos de seixos de sílexito no fundo de vale da APP, próximo ao carreador do plantio de cana-de-açúcar (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Água da Prata é um sítio a céu aberto que foi identificado em área rural. Apresenta materiais líticos lascados. Já o Sítio Arqueológico Santa Rita está localizado no Município de Taciba, SP. Neste sítio foram evidenciados materiais líticos lascados (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Córrego da Boa Vista I recebe este nome pelo fato de estar próximo ao Córrego da Boa Vista, em área de planície de uma colina ampla com declividade suave. Os materiais identificados até o momento nesse sítio são representados por materiais cerâmicos fragmentados (FACCIO, 2016).

No Sítio Arqueológico Santa Cruz do Anhumas I foram identificados materiais cerâmicos, em alguns casos, apresentando decoração pintada, com pigmentação de coloração branca, vermelha e/ou preta e em outros casos com brunidura. Também foram localizadas peças líticas lascadas identificadas, representadas majoritariamente por lascas inteiras ou fragmentadas (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Santa Cruz do Anhumas II localizado em área rural, a 50 metros do Ribeirão Anhumas. Nesta área de ocorrência foram identificados materiais líticos lascados em uma cascalheira na transição da área agricultável para a área de proteção permanente da propriedade (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Santa Cruz do Anhumas V está em uma área de média/baixa vertente, a 80 metros de uma cabeceira de drenagem que alimenta o Córrego do Ribeirão de Anhumas e a 300 metros do mesmo córrego. No local foram encontrados fragmentos de cerâmica. Está inserido em uma área de intenso uso e ocupação do solo

para o plantio de monoculturas agrícolas tais como a cana-de-açúcar e eucalipto (FACCIO, 2016).

No Município de Anhumas, SP, foram localizados 4 registros arqueológicos, que são: Sítio Santa Helena, Sítio Tatu Galinha, Córrego da Boa Vista II e São Saprino; este último Sítio será tratado especificadamente nessa monografia (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Santa Helena é um sítio a céu aberto que foi identificado em área rural, identificado em uma área de média/baixa vertente, a 200 metros do Ribeirão Anhumas. Trata-se de um sítio com grande quantidade de materiais arqueológicos cerâmicos, em superfície. As peças estavam bastante fragmentadas (FACCIO, 2016).

O Sítio Tatu Galinha foi identificado em área de média/baixa vertente, próximo a confluência do Córrego do Mandacaru com o Ribeirão Anhumas. Os materiais identificados no sítio são compostos majoritariamente por peças cerâmicas fragmentadas e em menor quantidade por líticos lascados (FACCIO, 2016).

O Sítio Arqueológico Córrego da Boa Vista II contém materiais líticos lascados. Essa área foi identificada em local de média/baixa vertente de colina ampla com declividade suave. A distância entre o ponto de localização dos materiais e o curso d'água mais próximo é de, aproximadamente, 150 metros (FACCIO, 2016).

Na área do Município de Regente Feijó, SP, está registrado, junto ao Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, um sítio denominado Córrego do Palmital. É um sítio a céu aberto que foi identificado em área rural do município de Regente Feijó, SP, na área da Fazenda Pindorama. Apresenta materiais líticos lascados. O sítio foi identificado em uma área de média/baixa vertente, a 85 metros de uma cabeceira de drenagem que alimenta o Córrego do Palmital e a 250 metros do mesmo córrego (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023; FACCIO, 2016).

No Município de Nantes, SP, localiza-se dois Sítios Arqueológicos, sendo eles, Nantes I e Nantes II. O Sítio Nantes I, está localizado na propriedade denominada Sítio Cardoso, identificado em área de média vertente de uma colina ampla, próximo ao Córrego Coroado. Neste sítio foram evidenciados materiais líticos e fragmentos cerâmicos sem a presença de concentração de grande quantidade de materiais (FACCIO, 2016). Já o Sítio Nantes II foi identificado em área de alta vertente de uma colina ampla, próximo ao Córrego Coroado. Neste sítio foram evidenciados materiais líticos e fragmentos cerâmicos (FACCIO, 2016).

Somente no Município de Tarabai, São Paulo, não se encontrou cadastros de Sítios Arqueológicos (CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 2023).

Desta maneira, a área de estudo conta com 22 sítios com material cerâmico, 17 sítios com material lítico, 14 com materiais líticos e cerâmicos, um com material lítico e arte rupestre, um sítio com arte rupestre e um sítio com material histórico (FACCIO 2016, 2011; CNSA 2023; LUZ, FACCIO 2021).

Em suma, na região do Baixo Curso do Paranapanema foram encontrados sítios arqueológicos de grupos caçadores-coletores, agricultores-ceramistas, sítios com gravuras rupestre e de reduções jesuíticas que testemunham o contato do indígena com os europeus (FACCIO, 2016).

Portanto, pode-se concluir também que a Região do Baixo Curso do Paranapanema é abundante na presença de sítios arqueológicos. Tais descobertas atestam a grande densidade da população indígena, no passado dessa região, reafirmando a necessidade de contínuos estudos na área do Pontal.

3 O Sítio Arqueológico São Saprino

3.1 Etno-história

Quando utilizamos elementos etno-históricos, devemos nos atentar das limitações inerentes às interpretações desse tipo de análise. Como exposto por Cunha (2002), pouco se sabe da cultura indígena, de sua densidade demográfica, sua origem e muito menos do que realmente aconteceu. Quanto a falsas interpretações sobre os indígenas, a autora expõe:

A maior dessas armadilhas é talvez a ilusão de primitivismo. Na segunda metade do século XIX, essa época de triunfo do evolucionismo, prosperou a idéia de que certas sociedades teriam ficado na estaca zero da evolução, e que eram, portanto, algo como fósseis vivos que testemunhavam do passado das sociedades ocidentais. Foi quando as sociedades sem Estado se tornaram na teoria ocidental, sociedades “primitivas”, condenadas a uma eterna infância. E porque tinham assim parado no tempo, não cabia procurar-lhes a história (CUNHA, 2002, p. 11).

Segundo Fausto (2000) a etnologia pode oferecer informações complementares e críticas às informações obtidas pela arqueologia, o que justifica apesar das ressalvas, um investimento desse tipo.

Sendo assim, segundo dados etno-históricos, a ocupação do território brasileiro se deu pelos colonos luso-brasileiros a partir do século XVI, inicialmente pelo litoral. Assim, a região do Planalto Ocidental Paulista, a noroeste de São Paulo, obteve pouca atenção num primeiro momento.

Nesse sentido, a ocupação do interior paulista, na região sudoeste, na qual nos interessa o sertão do Paranapanema, Dantas (1978) relatou que:

habitavam a região três tribos indígenas: os Coroados, nas vertentes do Rio do Peixe, dentro da mata virgem; os Cayuás – (Guaranis) - provenientes do Paraguai, nas vertentes do Paranapanema – e os Chavantes (sic), ou Otis, originários de Mato Grosso, no *platô* central, região de campos e de cerrados. No período colonial, ainda no século dezesseis, portugueses da Capitania de São Vicente e castelhanos do Paraguai se comunicavam pela velha trilha indígena, cruzando, inclusive, o Paranapanema (DANTAS, 1978, p. 17-18).

Portanto, é possível afirmar que a colonização do estado de São Paulo tem início antes de 1532, quando Martim Afonso de Souza inaugurou a povoação que se transformaria na Vila de São Vicente, a mais remota e antiga colônia brasileira. Os

marinheiros portugueses haviam se fixado na costa e construído o amparo para a colonização lusitana. No entanto, os indígenas foram os primeiros a ocupar as matas dos planaltos ocidentais da América do Sul. Como afirma Monbeig (1984, p. 129) “foram eles os verdadeiros pioneiros, se nos ativermos ao sentido mais restrito da palavra, pois foram os primeiros a queimar a mata e a aproveitar o solo”.

O autor ainda explica que, no início do século dezessete, os jesuítas ampliaram o domínio das missões nesta região, atingindo as duas margens do Rio Paranapanema e fixando as Reduções de Santo Inácio e de Nossa Senhora de Loreto, no estado do Paraná, entre a foz do Tibagi e a do Pirapó, onde atravessaram o Paranapanema, assentando-se no atual território paulista.

Segundo Leite (1998), tais missões foram extintas posteriormente pelas bandeiras paulistas de Manuel Preto e Raposo Tavares, tendo seus povos indígenas aprisionados e escravizados em lavouras de São Vicente e de Piratininga.

Resquícios dessas ocupações, tais quais fragmentos de cerâmica, líticos lascados e fragmentos de telhas, podem ser encontrados hoje no território que abrange os municípios de Santo Inácio e de Itaguajé (antiga Redução de Santo Inácio de Loyola e Redução de Nossa Senhora de Loreto) (**Figura 8**). Thomaz (1995) afirma a tentativa de fixação jesuítica na margem paulista do Paranapanema através de estudos de sítios arqueológicos, como o Sítio Taquaruçu e de dados etno-históricos.

Figura 8: Fragmento de telha, da área da Redução Jesuítica de Nossa Senhora do Loreto (Itaguajé - PR) e fragmento de telha do Sítio Arqueológico Taquaruçu (CEMAARQ), respectivamente.



Fonte: Faccio (2016).

Para Manfrin (2003), os jesuítas, buscando conhecer a região, chegaram à Foz do Rio Pirapó, onde encontraram uma aldeia com uma população de 200 indígenas, alocados em várias casas e lideradas pelo Cacique Guaimbanró. Ali, os jesuítas se alocaram para fazer o reconhecimento das margens dos rios Tibagi, Pirapó e Paranapanema.

Após verificar que o local próximo à foz do Rio Pirapó poderia ser estratégico, por ser um lugar alto, com poucos insetos, terras férteis, cacique hospitaleiro e rodeado de aldeias guarani, ou seja, com mão de obra humana que os interessava, os jesuítas Masseta e Cataldini o escolheram para fixar a Redução de Nossa Senhora de Loreto (MONTROYA, 1985; CHMYZ, 1974).

Os trabalhos de catequização se iniciaram através da implementação da Redução de Santo Inácio de Loyola, como explica Montoya:

Fundò la primera reduccion que La Compañia bizo en aquella Provincia (llamamos reducciones a los pueblos de Indios, que viviendo a fu antigua vñça em montes, fierras, y valles, em escondidos arroyos, em tres, quatro, feis casás folas, separados a legua, dos, tres y mas vnos de otros, los reduxo La diligencia de los Padres a poblaciones grandes, y a vida política y humana, a beneficiar algodon co que se vistan: porque comunmente viuian em desnudez, aun lio cubrir lo que La naturaleza ocultó.) Llamaffe esta reduccion S. Ignacio (MONTROYA, 1639, p.6).

Assim, os mesmos jesuítas espanhóis que levantaram Santo Inácio e Nossa Senhora de Loreto, na província de Guairá, atravessaram o Rio Paranapanema e fundaram outras três reduções indígenas na região paulista do baixo do Paranapanema, em meados de 1613: Maracanã, Itamaracá e Araraá. Mesmo assim, a inconstante presença religiosas nesses aldeamentos, somada à expansão dos mamelucos de Piratininga, determinaram uma rápida duração das reduções indígenas no baixo Paranapanema, lado paulista (HERNANDEZ, 1913).

Thomaz (1995) discorre sobre a localização das três reduções indígenas paulistas (Maracanã, Itamaracá e Araraá), coincide com a localização de três sítios arqueológicos, sendo eles Taquaruçu, Taquaruçu 2 e Alvim. Desta forma, é possível afirmar que o Vale do Paranapanema, por meio das reduções indígenas, constituiu uma região de contato entre diversos grupos étnicos indígenas, como os Kaingang, os Xavante, os Guarani, além de luso-brasileiros e espanhóis no século XVII.

Zaluar (1975, p. 200) fala de 141.182 pessoas que vivam nas missões dos Guarani “junto as margens do Paraná e Uruguai” em 1732. No período de “1747 até 1766 foram batizadas nestas povoações 91.520 pessoas”.

Em relação às características de assentamento e edificação de Missões e Reduções Jesuíticas dos Guarani, entre os séculos XVI e XVIII, Cypriano (2004) evidencia que alguns locais foram privilegiados no processo de ocupação e distribuição espacial das reduções, visto que, a incompatibilidade do grupo indígena com a região escolhida poderia motivar o abandono das mesmas.

Partindo destas indicações as reduções junto aos Guarani, cuja missão de São Miguel é um bom exemplo, foram erigidas em locais elevados, próximas de recursos de florestas e rios nas proximidades. Os planos urbanos, configurados em torno de uma praça central de quatro lados, exibiam em um dos lados a igreja, a casa do pároco, a escola, oficinas, a casa das viúvas, dos órfãos e o cemitério, atrás ficavam as hortas. Os outros três lados eram destinados às casas, devidamente organizadas em um traçado xadrez. Nessas reduções a posse da terra era comunitária e as plantações, que incluíam legumes, trigo e algodão, tinham grande importância para as reduções, tanto que já era sabido entre os missionários que: “fruto del Evangelio em gran parte depende del buen estado de la agricultura”. Este modelo agrícola exigiu marcante transformação dos Guarani que, apesar de serem horticultores, relacionavam o trabalho de cultivo como tarefa exclusiva das mulheres. O homem a quem cabia basicamente a caça e a defesa do grupo, viu-se obrigado a assumir uma nova divisão do trabalho onde também lhe eram impostas tarefas nas plantações, consideradas atribuições femininas (CYPRIANO, 2004, p. 51).

Sem dúvidas, a convivência com padres cristianizando povos indígenas acarretou em mudanças no comportamento da comunidade e, conseqüentemente, nas estruturas sociais dos Guarani. Segundo Borelli (1984) a catequização visava abalar os traços fundamentais da cultura indígena, tais quais a organização espacial da aldeia, a divisão do trabalho, a composição da família e até mesmo a periodização dos ritos, sendo estes alterados ou substituídos pelos padres.

Assim, ao passo que as transformações introduzidas na sociedade Guarani arranjavam novas formas, a facilidade desses povos indígenas em assimilar traços culturais europeus, gerou interesse de fazendeiros que buscavam por força de trabalho escravo.

A busca pela exploração de terra e de evangelização, um grupo de jesuítas escalou a Serra do Mar, no planalto do Piratininaga, onde foi encontrado, segundo cartas enviadas a Portugal, uma terra muito sadia, fresca e de boas   guas. Ali, fundou-se um

colégio, em janeiro de 1554, onde se deu início a construções das primeiras casas que dariam origem ao povoado de São Paulo de Piratininga. Em 1560, o povoado ganhou foros de vila, sendo o maior irradiador da colonização das terras do interior dessa porção do continente.

Desta forma, a ocupação do território brasileiro pelos colonizadores teve início no século XVI, a partir do litoral e, ainda três séculos após 1500, a região do planalto ocidental paulista obteve pouca atenção por parte da sociedade brasileira. Do ponto de vista etno-histórico, esse território sempre abrangeu uma grande heterogeneidade étnica.

Assim, de acordo com MANO (1998, p.25).

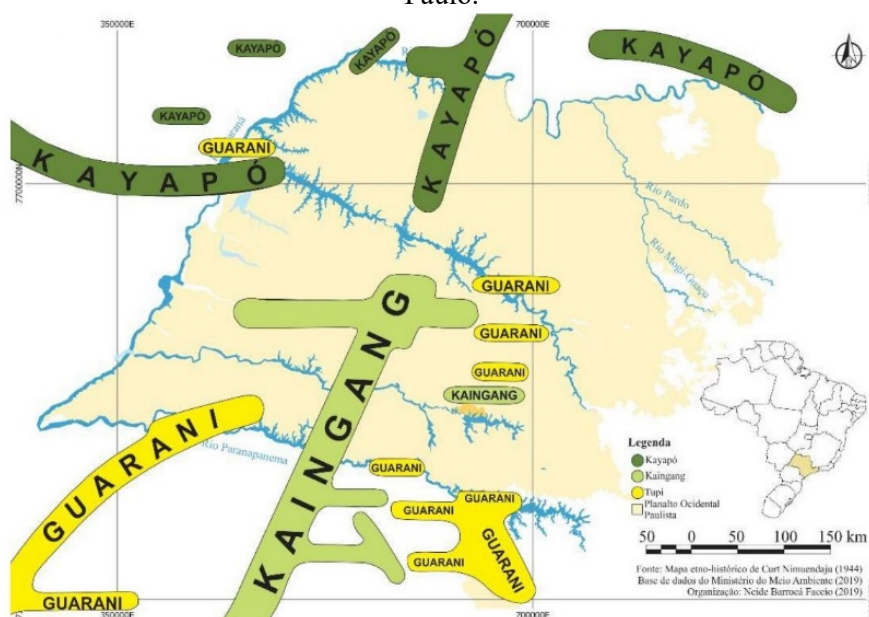
O planalto ocidental paulista poderia ter facilmente servido como região de intenso tráfego de elementos culturais, via de escoamento e corredor de influências porque sitiado, a um lado, pelas serras de Piratininga e o litoral atlântico; por outro pela região do Chaco que se forma a oeste da bacia do Paraná; ao norte pelos campos e matas do Brasil central; e ao sul pelos campos férteis do Paraná e os pampas (...) cada uma dessas áreas geográficas ocupadas por populações indígenas culturalmente diferentes – Guarani (Mbya e Nhandeva), Tupi, Guaicuru-Mbaia, Aruak, Jê, entre outras.

No começo do período colonial, São Paulo vivia da agricultura de subsistência, aprisionando indígenas para o trabalho escravo na tentativa da implantação da lavoura de cana-de-açúcar. De acordo com Cunha (1992), a união da força de trabalho escravo foi a perspectiva que guiou a questão indígena no Brasil Colônia. Na segunda metade do século XVI se iniciariam as bandeiras, conhecidas por serem expedições organizadas para o aprisionamento de indígenas e a busca por metais preciosos nos sertões, começando o levantamento de terras desconhecidas.

Antes das frentes de colonização, diversas bandeiras haviam passado pela região do planalto paulista, desde o primeiro século de Brasil. Para os Tapuias (“Tapuyas”, “Tapii”), nome que tinha o significado de escravo e era utilizado para distinguir os não falantes de línguas do Tronco Tupi, apenas cabia um tratamento violento para a defesa de seu povo (NOELLI, 1993).

De acordo com Moraes (2007), na época, os indígenas Guarani povoaram o Vale do Paranapanema que, até aquele momento, era parte das possessões espanholas na América. Segundo o Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju (IBGE, 1987), essa região era território povoado pelas etnias Xavante, Guarani e Kaingang (**Figura 9**).

Figura 9: Mapa Etno-histórico de Nimuendajú (1943). Famílias Linguísticas do Estado de São Paulo.



Fonte: Faccio (2019).

Em relação aos Kaingang ou caingangues, no fim do século XIX, dizia-se que esses indígenas eram famosos por serem grandes caçadores. Monbeig (1984) relata que, além da caça e da pesca, os Kaingang colhiam mel selvagem, cortavam o palmito e utilizavam fibras vegetais para a confecção de cestas, além de realizar o cultivo de outros alimentos como feijão, abóbora e milho.

No século XX, Rodrigues (2007) relata que as regiões de cerrado mais altas do sertão paulista, entre os vales do Rio Tietê e Paranapanema, eram povoadas pelos indígenas Kaingang. Borelli (1984) discorre que, no final do século XIX até o início do século XX, os Kaingang encontravam-se espalhados pela região oeste do estado de São Paulo, sendo estes também conhecidos como Coroados, Botocudos, Tapuias, Bugres, entre outros nomes. Desta forma:

Para o Estado de São Paulo, no final do século XIX e início do XX havia cinco grupos de Kaingang conhecidos como Coroados, entre os rios Peixe e Aguapeí/Feio, além de um agrupamento no baixo rio Tietê. Segundo Borelli (1984), anteriormente ao contato com as frentes colonizadoras, a população kaingang no Estado de São Paulo estava estimada em aproximadamente 1.200 índios. Em 1912 e 1916, após a pacificação e já em reservas, este número caiu para 700 e 200 indivíduos, respectivamente, o que aponta para uma drástica redução de população. Em aproximadamente 15 anos 80% da população Kaingang foi exterminada (RODRIGUES, 2007, p. 4).

Na região em que se insere o ProjPar, os sítios arqueológicos Kaingang foram descobertos na área do médio vale¹; entretanto, no Baixo Paranapanema Paulista, apesar de existirem relatos etno-históricos sobre a presença dos Kaingang e de sítios Guarani mostrarem cerâmicas com brunidura (técnica de enegrecimento da cerâmica, reconhecida como Kaingang), até o momento nenhum sítio arqueológico foi evidenciado. Assim, a possibilidade de contato entre Guarani e Kaingang deve ser melhor investigada.

Sempre que possível, os bandeirantes se aproveitaram de inúmeros caminhos indígenas, sendo o mais conhecido o Peabiru. Tais caminhos eram usados como rotas de migração e comunicação entre diferentes aldeias. A existência dessas vias de comunicação demonstra uma organização social hierárquica de grande abrangência espacial entre esses indígenas.

No que tange os Guarani, essa organização é constituída por unidades com diferentes níveis de alcance. Trata-se das **teýy**, ou famílias extensas; as **amundá**, definidas pelo conjunto de casas das famílias extensas; os **teko'ás**, compreendido como um território de interação de diversas aldeias; e o conjunto de **teko'ás**, que alcança nível regional, chamado de **guará** (SOARES, 1997).

Estudos históricos também observam que, através do caminho de Peabiru, o português Alexio Garcia, líder de uma expedição que partiu para o litoral de Santa Catarina em 1524, chegou até as terras da atual Bolívia (MARTINS, 2002).

Nas investidas de aprisionamento de indígenas para a escravidão, que se intensificaram durante o século XVII, os paulistas destruíram as Missões espanholas do Paranapanema e escravizaram indígenas, provocando o despovoamento do vale por aproximadamente dois séculos. Este período coincide com os séculos de Brasil Colônia e apenas os Kaingang e Xavante, etnias hostis aos colonizadores, movimentavam-se pelos antigos caminhos Guarani.

No que se trata desta história violenta, há vestígios arqueológicos e dados históricos na região que estudamos, como o Sítio Alvim, estudado por Faccio (1992), o Sítio Taquaruçu, estudado por Thomaz (1995), além da análise dos Sítios Alvim, Taquaruçu e Castelinho (área do Rio Paraná) por Santos (2022).

A descoberta das Minas, obra dos bandeirantes paulistas, fez com que a Coroa Portuguesa desmembrasse a província, em vista ao maior controle da extração de metais e pedras preciosas. A posição de destaque dos paulistas, contínua durante todo o século XVIII, fez com que São Paulo fosse mantido como quartel-general de onde partia as

“bandeiras”, responsáveis pela expansão do território brasileiro a sul e sudoeste. Até o final do século XVIII, a ocupação das terras paulistas, ainda era incipiente e esparsa.

No início do século XIX, as ocupações eram feitas por sertanejos que não possuíam recursos suficientes para se estabelecer efetivamente. Assim, não ocupavam grandes áreas e coabitavam com os indígenas. No entanto, mais a frente, povoados mineiros, detentores de bens e capital, passaram a entrar em conflito com os indígenas por disputarem essas terras férteis, onde queriam construir suas fazendas (CREDDO, 2003).

Melatti (1976) relata três frentes de expansão da sociedade brasileira sobre o planalto ocidental paulista, após o século XVIII, são eles: os pecuaristas, os mineiros e os agricultores. Durante este período, já se tinha consciência sobre as populações indígenas que viviam na região, até então conhecidos como os indígenas Coroados. Este nome foi, provavelmente, a primeira denominação dada aos indígenas Kaingang, etnia relacionada ao tronco linguístico Jê, que habitava a região tratada.

Então, a partir de meados do século XIX, é reiniciado o povoamento da região do Vale do Paranapanema, do lado paulista. Monbeig (1984) expõe que

A superioridade numérica dos colonizadores aniquilou o pequeno grupo indígena. Os serviços de proteção, organizados pelo General Rondon, e igualmente pelo governo do estado, reagruparam as raras famílias sobreviventes em alguns postos, os mais numerosos ao longo da ferrovia Noroeste, outros na Alta Sorocabana. (...) Portanto, a marcha pioneira moderna acabou a obra de destruição dos índios, encetada na época colonial. Nada existe dos antigos habitantes, a não ser de modo muito indireto. Viu-se como se apresenta o problema da origem dos campos; se resultaram eles dos incêndios ateados pelos índios, prepararam estes as grandes aberturas nas matas, pelas quais enveredavam os pioneiros brancos. A técnica de agricultura de queimada que o pioneiro praticou, na fase do seu primeiro estabelecimento, foi a dos índios, que os caboclos brasileiros lhes transmitiram (MONBEIG, 1984, p. 132).

Ainda segundo o autor, não se sabe ao certo o número de indígenas que viviam nessas terras durante o momento de contato com o europeu, mas se tem certeza que esses contatos quase sempre foram muito violentos. Segundo informações da etno-história, é possível saber que:

O grupo mais importante era o dos tupi-guaranis, designados como caingá ou cayúa, denominação posterior aos primórdios da evangelização. Estavam disseminados pela bacia do Paraná, ao sul do

Tietê. Habitavam terras mais a leste os tupiniquins, que tinham adotado a língua tupi-guarani. Esses tupis tinham submergido, mas não destruído, populações preestabelecidas, que pertenciam às diversas ramificações da nação jê. Por entre elas, os caiapós dominavam as partes dos planaltos compreendidas entre o rio Grande e o Tietê. Mais dispersos formavam os xavantes alguns grupos na Alta Sorocabana atual. Finalmente, os caingangues, designados pelo nome de coroados, a partir do século XVIII, distribuíam-se tanto pelos planaltos paulistas, como pelas regiões do Paraná e do Brasil Meridional. No fim do século XIX, encontravam-se cinco pequenos grupos deles, entre o rio Peixe e o Aguapeí (MONBEIG, 1984, p. 129-130).

Borelli (1984) discorre sobre a inserção de mineiros na região entre o Tietê e o Grande, sobretudo durante o declínio da mineração (início do século XIX). Tal fato econômico refletiu na chegada de trabalhadores oriundos das minas, se somado aos da região do Médio Tietê, ao Vale do Paranapanema. Esses primeiros colonizadores teriam cumprido a função da frente de expansão (MONBEIG, 1984).

Cunha (1992) observa o deslocamento da questão indígena neste período, que deixa de ser problema da mão-de-obra, passando a se tratar de um problema de posse de terra. Devido à Lei de Terras (1850), as guerras travadas contra os povos indígenas tinham como motivo principal a disputa pelo território e no que se trata da ocupação do Vale do Paranapanema, não foi diferente.

O estabelecimento de fazendeiros e demais moradores no Médio e Alto Vale do Paranapanema se deu devido à imigração por todo o século XIX. No entanto, não se deve esquecer a posse indígena desse território, visto que deslocar-se é uma característica de muitos desses povos.

As fronteiras de diversas etnias indígenas eram móveis e reestabelecidas, a partir de acordos baseados em suas tradições ou através de lutas. Tal deslocamento indígena foi vista e também documentada, no caso da fundação do município de Piraju, SP, no Médio Vale do Paranapanema. O então povoado de São Sebastião do Tijucu Preto, núcleo da frente de expansão no século XIX, assistiu à chegada de uma leva Guarani, vindos do oeste. Foi criado então, o aldeamento Pirã-yú sob a responsabilidade de religiosos italianos, praticamente ao lado do arraial dos colonos (RODRIGUES, 2003).

Os estudos acadêmicos sobre a ocupação das fronteiras envolve sociólogos, geógrafos e antropólogos (MARTINS, 1997; MONBEIG, 1984; RIBEIRO, 1977), tratando de duas modalidades diferentes de ocupação: a frente pioneira, que se preocupava com o pioneiro empreendedor, ou seja, “o empresário, o fazendeiro, o comerciante e o pequeno agricultor moderno e empreendedor” (MARTINS, 1997, p.151-

152); e a que foi conhecida como a frente de expansão, que se tratava do deslocamento de pessoas “civilizadas e das atividades econômicas de algum modo reguladas pelo mercado” (MARTINS, 1997, p.151-152).

Ribeiro (1977) associa “frente de expansão” com as “fronteiras da civilização”, incluindo o impacto do encontro entre os indígenas e não-indígenas no processo de expansão pelo território brasileiro.

A progressão da colonização do Oeste Paulista se deu tanto pela frente de expansão quanto pela frente pioneira. De acordo com Abreu (1997) a parcela sudoeste do estado de São Paulo era denominada, no século XIX e início do século XX de Vale do Paranapanema ou Sertão do Paranapanema, ia desde Sorocaba e Botucatu até o Rio Paraná, abrangendo toda a bacia do Rio Paranapanema (ABREU, 1997, p. 61)”. O autor relata que:

Até o ano de 1906, as bacias do Rio Feio, Rio do Peixe, Santo Anastácio e baixo Paranapanema figuravam nos mapas de São Paulo como “zona desconhecida e desabitada”. Do lado de Mato Grosso, a parte fronteira, se achava nas mesmas condições, e os habitantes do sul desse Estado só poderiam alcançar a Capital de São Paulo e Rio de Janeiro, pelo Paraguai ou Uberaba, obrigados a percorrer mais de duzentas léguas para alcançar ponto de Estrada de Ferro. (ABREU, 1997, p. 21).

Lima (1978) discorre sobre as primeiras décadas do século XIX, quando o Vale do Paranapanema passou a receber novos residentes, mesmo que, até 1850, tenha-se configurado como “sertão desconhecido” na cartografia nacional.

No entanto, esta região encontrava-se, obviamente, povoada por comunidades indígenas que significavam, para os não-brancos, um obstáculo no processo de ocupação do território. Rodrigues (2003) recorda que o “desconhecido” não pode ser confundido com desabitado, embora essa fosse a intenção da utilização do termo acerca de uma região apta a exploração.

Para Monbeig (1984, p. 27), mesmo que as florestas do oeste de São Paulo ainda continuassem um vasto sertão habitado por indígenas, escapando completamente à economia da Província, no final do século XIX, os fazendeiros não as ignoravam totalmente e pensavam “em levar as futuras ferrovias a estas paragens longínquas”. Na virada do século XX, o interesse em ampliar a região à economia paulista, fez com que

as autoridades do Estado construíssem uma comissão técnica⁶, especificamente para identificar os detalhes do que hoje é conhecido como o Pontal do Paranapanema. Se acordo com Leite (1998), as notas mais antigas de caráter científico sobre o Vale do Paranapanema são as de Teodoro Sampaio, que tratou sobre a extensão aproximada do vale, de suas matas, dos solos e dos indígenas Caiuá e Kaingang.

Segundo Sampaio (1978), o Vale do Paranapanema é um grande triângulo de aproximadamente 109.600 quilômetros de superfície, com cachoeiras perigosas como a do Rebojo, no Município de Pirapozinho. O autor relata que, na área do vale, as terras eram férteis e ocupadas por indígenas.

A partir da construção da Estrada de Ferro Sorocabana, povoações de agricultores eram fixadas ao longo de seu percurso. Esta era a época dos “bugreiros”, que trabalhavam para o extermínio de populações indígenas. Assim, para os bugreiros “os Kaingang são um empecilho para a colonização das regiões do Sertão que habitam, parece que não há outro meio que se possa lançar mão, senão o seu extermínio” (Von Ihering apud PINHEIRO, 1999, p. 22).

A criação do Serviço de Proteção Indígena (SPI), uma resposta institucional ao massacre de povos indígenas pelas frentes pioneiras no oeste paulista (RIBEIRO, 2004), delimitou um restrito espaço para a subsistência dos Kaingang, no final da segunda década do século XX. O Posto Indígena Vanuíre, atualmente localizado no município de Arco-Íris (região de Tupã-SP) e o Posto Indígena Icatu, localizado no Município de Braúna-SP são as parcelas de terras onde encontramos respectivamente os Kaingang, vivendo com famílias de etnias Krenak (de Minas Gerais) e Terena (do Mato Grosso do Sul).

Se a frente de expansão marcou o contato interétnico recente entre a população ameríndia e a sociedade brasileira na região, a expansão do café e da ferrovia determinaram a direção e a intensidade da ocupação do Médio e Baixo Vale do Paranapanema Paulista.

Nesse sentido, a Estrada de Ferro Sorocabana teve um papel de destaque na história regional. A perspectiva da implantação da ferrovia aliada aos negócios de terras,

⁶ Desenvolvida no ano de 1886, a COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA – CGG, se destinava a realizar pesquisas e levantamentos detalhados sobre o solo, clima, geomorfologia, geologia e hidrografia do Estado de São Paulo.

atraía colonizadores animados com a possibilidade de “escoamento da produção, que valorizaria a região, mas também porque afastaria o indígena dos locais de maior trânsito, possibilidade a fixação do homem branco na formação de novos núcleos urbanos” (CREDDO, 2003, p.143).

Historiadores do processo de avanço da sociedade paulista sobre as terras do Vale documentaram os encontros, no mais das vezes violentos, entre colonos e indígenas. A ocupação de tal território, no entanto, em muitos casos se deu justamente ao processo de aldeamento indígena do século XIX. Além da citada Piraju, o povoado que fundou o município de Salto Grande (no século XIX conhecido como Cachoeira dos Dourados), a oeste de Piraju, teve como subsidio o trabalho de catequese de Caiuá e Xavante. Nesse processo, o capuchinho italiano Frei Pacífico de Monte Falco se destaca por ser encarregado pelo Barão de Antonina (presidente da Província, na época) desse trabalho com indígenas do Vale do Paranapanema (MONBEIG, 1984; ABREU, 1972; LEITE, 1999; RODRIGUES, 2007).

Como autoridade eclesiástica que vivia na boca do sertão, a atuação de Monte Falco se tornou notória como atestador da ocupação dos posseiros, que, através da Lei de Terras (1850), precisavam comprovar com documentos suas glebas na região. Encarregado desta função, sua suposta assinatura compareceu no documento de comprovação de posse de José Teodoro de Souza, colonizador do pontal do Paranapanema (LEITE, 1998).

Assim, Dantas (1978) evidenciou que:

Na exploração de suas posses, chegou José Teodoro até ao Rio Novo, na barra de um córrego que denominou Barraca, por ter ai erguido a própria barraca. Plantou, no local, um Cruzeiro, marco de fé e de posse da terra; e continuou a penetração sertaneja até as vertentes do Rio capivara (atual Município de Paraguaçu Paulista) -, onde iria fundar Conceição de Monte Alegre (...). José Teodoro de Souza subiu o Rio Novo, desde sua barra no Paranapanema, até o local em que está hoje situada a vila de Campos Novos. (...) Apossou-se da região de campo, habitada pelos Chavantes(sic) e que se estende desde a encosta da serra dos Agudos, às proximidades do Paranapanema, e até frontear o ribeirão das Anhumas. (DANTAS, 1978, p. 26-27).

Segundo Abreu (1972), outros mineiros, junto a José Teodoro de Souza, se apossaram de porções de terra na região, depois vendidas aos povoadores das levas posteriores: “Os mineiros fixados no sertão do Paranapanema formavam um povoamento ralo, disperso, sem o apoio de núcleos urbanos expressivos e com dificuldades de comunicação, que se fazia por caminhos precários e inseguros” (ABREU, 1972, p. 63).

A posse de terras pelos brancos, assim como a defesa desse território pelo indígena foi feita à custa de muitas lutas e mortes. O extermínio e expulsão do indígena da região era feito através de expedições organizadas por moradores do Sertão do Paranapanema. Tais expedições eram as “bandeiras” ou as “dadas”.

A bandeira e a dada eram expedições de caça ao índio, no entanto, a primeira geralmente recebia patrocínio também do Governo Provincial e a segunda, somente dos fazendeiros e moradores regionais. As bandeiras tencionavam capturar o índio para estabelecê-lo em aldeamentos ou expulsá-lo para o interior da província. E as dadas, além de expulsá-lo tinha como objetivo o próprio extermínio. (RODRIGUES, 2007, p. 13).

Os indígenas mais prejudicados em tal processo foram os Guarani, Kaingang e os Oti-Xavante, que tiveram seu território espoliado por novos moradores do vale do Paranapanema. “Guarani e Kaingang foram confinados em postos indígenas, no início do século XX, com a atuação do SPI (Serviço de Proteção aos Índios). Oti-Xavante, por sua vez, foram praticamente dizimados” (RODRIGUES, 2007, p. 12). Para o branco, o interesse na terra estava voltado para a exploração com vistas a gerar lucro.

A frente da segunda metade do século XIX, a região era cada vez mais povoada. Monbeig (1984) relatou que uma expedição de João Teodoro, irmão de José Teodoro, abarcou a área de estudo. Assim, João Teodoro navegou o Paranapanema e dirigiu-se para o vale do Rio do Peixe.

Fizeram José Teodoro e seu irmão o possível para atrair o povoamento. Tinham fundado pequenos centros como São Pedro do Turvo, São José dos Campos Novos, nossa Senhora da Conceição de Vista Alegre. Os itinerários de penetração haviam-se convertido em pistas utilizáveis, sem muita dificuldade, por cavaleiros e carros de boi. Entroncavam-se outros caminhos na pista principal do espigão e desciam sobre o Paranapanema, seja pelo vale do Jaguaribe e por um prolongamento, experimentado em direção à colônia jataí, seja sobre a cachoeira dos Índios e a confluência do Tibaji (MONBEIG, 1984, p. 135).

Por fim, Leite (1998) explica todo o emaranhado jurídico que a posse legal das terras do Baixo Vale do Paranapanema envolve. A assinatura do Frei Pacífico de Monte Falco, de 1856 no documento original, foi constatada como falsa, gerando um processo de grilagem que, a rigor, atravessou o século XX, desdobrando-se até hoje na polemica luta pela reforma agrária na região do Pontal do Paranapanema (FERNANDES, 1996).

A irregularidade na obtenção das terras no oeste paulista, incluindo o Vale do Paranapanemão impediu que a onda do café e da ferrovia cobrisse esta região. José Teodoro de Souza registrou que logo se desfez enormes porções deste território (COBRA, 1923; ABREU, 1972; MONBEIG, 1984).

Outros colonizadores, no entanto, disputaram as terras desse imenso patrimônio. A associação com a cafeicultura e com o empreendimento ferroviário sustentava o sucesso do grande negócio de terras no Pontal do Paranapanema. Centenas de grilos, violência entre colonos, bugreiros e jagunços pontuam a história da região entre as décadas de 1880 e 1920 (LEITE, 1998).

A via para a ocupação de todo o território estava aberta, através dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS), sendo esta criada em 2 de fevereiro de 1870. Entendendo que o sucesso da ferrovia estava relacionado ao transporte do café, o novo dirigente ampliou seus trilhos na direção de Botucatu, a fim de atingir regiões cafeeiras até Assis, onde se localizavam as oficinas da ferrovia.

(ZUCCHI, 2005).

A Sorocabana serviu diversas cidades do Oeste Paulista. Sua linha tronco ampliou-se e chegou até Presidente Prudente em 1919 e a Presidente Epitácio, ao lado do Rio Paraná, em 1922. Antes disso, porém a EFS levantou vários ramais. Em 1909 o ramal de Itararé, ligava Iperó a Itararé, conectando a rede ferroviária paulistas as estradas de ferro do Paraná, pelo antigo caminho dos tropeiros, que viajavam até o sul do Brasil (SAES, 1974).

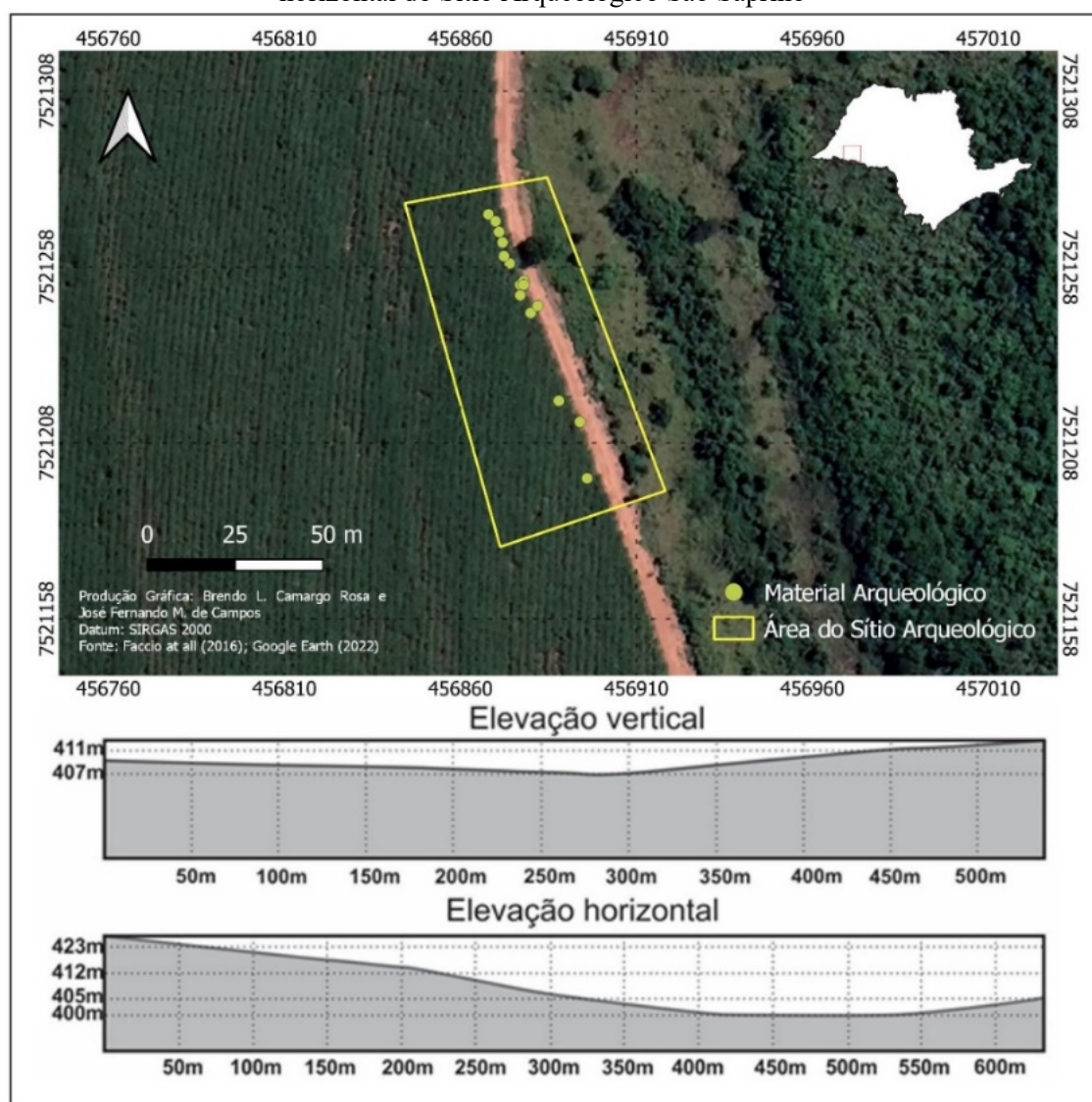
A expansão da ferrovia atraía todo tipo de gente: comerciantes, especuladores, foragidos da justiça ou simples ‘ocupantes’ de terras (ELLIS JR., 1951 apud LEITE, 1998). De acordo com Dantas (1978) “também sertanistas de Piratininga e caçadores de índios palmilharam essa Região, que passou a ser preferida pelas monções, no retorno de Cuiabá para São Paulo” (DANTAS, 1978, p. 18). O autor discorre que alguns pilotos e comerciantes, com o objetivo de evitar as correntezas do Rio Paraná e do Rio Tietê, atravessavam o Rio Paranapanema até chegar a terra, caminhando pelos matos de Botucatu até atingir a Sorocaba.

Segundo Monbeig (1984), a floresta de terra roxa foi fator muito importante de atração para o povoamento na região do interior paulista.

3.2 Materiais do Sítio Arqueológico São Saprino

O Sítio Arqueológico São Saprino possui 55 peças cerâmicas no total, sendo elas duas bordas, 48 paredes e cinco fragmentos de base. Estes fragmentos foram encontrados em nível superficial e a distribuição destes materiais está representada na **Figura 10**.

Figura 10: Mapa de dispersão do material encontrado e perfil de elevação vertical e horizontal do Sítio Arqueológico São Saprino



Fonte: Faccio (2016) **Organização:** o autor (2023).

Nesse mesmo sentido, esta etapa da monografia caracterizará os materiais arqueológicos encontrados no local, por meio da metodologia de análise exposta por Faccio no ano de 1992.

Sendo assim, podemos observar abaixo a face interna e externa das peças pertencentes ao sítio (**Foto 5 a 8**).

Foto 5: Face interna das peças 1 a 24 do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP.



Fonte: o autor (2022).

Foto 6: Face externa das peças 1 a 24 do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP.



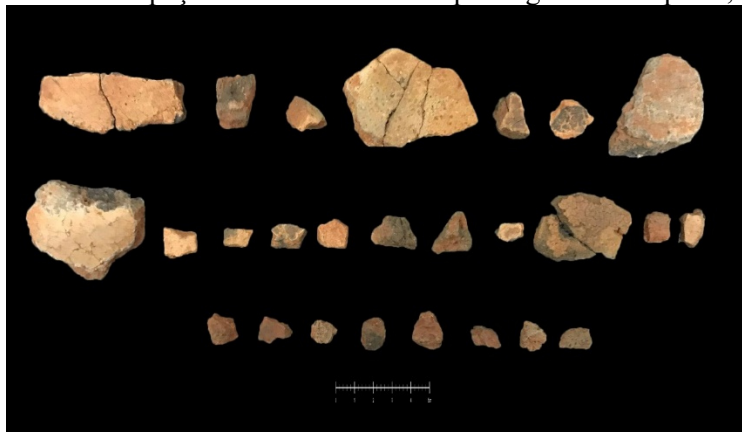
Fonte: o autor (2022).

Foto 7: Face interna das peças 25 a 55 do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP.



Fonte: o autor (2022).

Foto 8: Face externa das peças 25 a 55 do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP.



Fonte: o autor (2022).

Partindo da análise tecnotipológica da cerâmica presente na área do Sítio Arqueológico São Saprino, foi possível classificar os fragmentos arqueológicos por categoria. Na Tabela 1 observamos a presença de duas bordas (4%), 48 paredes (87%) e cinco fragmentos de base (9%) (**Tabela 1**).

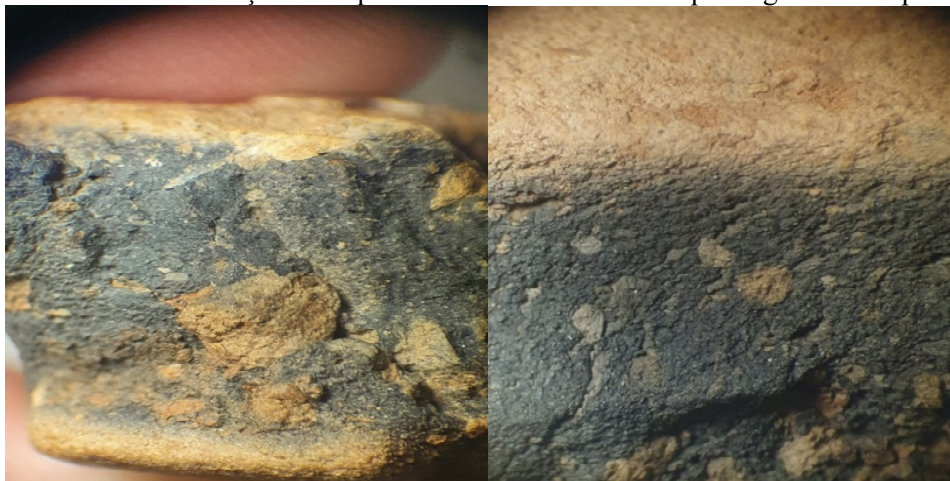
Tabela 1: Quantidade de peças cerâmicas por categoria

Quantidade de peças cerâmicas por categoria		
Categoria	Quantidade	Frequência (%)
Borda	2	4
Parede	48	87
Base	5	9
Total	55	100

Fonte: o autor (2022).

O antiplástico pode ser observado como um elemento a ser adicionado ou pré-existente na argila, a fim de diminuir sua plasticidade. De acordo com La Salvia e Brochado (1989) a plasticidade da argila está relacionada ao artesão e suas tendências. Nesse sentido, observamos a presença do antiplástico mineral (100%) em todas as peças do Sítio Arqueológico São Saprino (**Fotos 9 e 10**).

Fotos 9 e 10: Presença de antiplástico mineral no Sítio Arqueológico São Saprino



Fonte: o autor (2022).

Por fim, foi analisada a decoração presente nos fragmentos cerâmicos, possibilitando observar a predominância da decoração lisa na face interna e externa das peças (60%). Além disso, notamos também peças com a presença de barbotina na parte interna e externa (4%); engobo branco na parte interna e engobo vermelho na parte externa (2%); engobo branco na parte interna e liso na parte externa (2%); engobo vermelho na parte interna e externa (7%); liso na parte externa e não identificado na parte interna (7%); liso na parte interna e brunidura na parte externa (2%); liso na parte interna e engobo branco na parte externa (2%); liso na parte interna e engobo vermelho na parte externa (4%); não identificado na parte interna e liso na parte externa (5%); não identificado na parte interna e externa (5%) (**Tabela 2**).

Tabela 2: Quantidade de peças por decoração

Quantidade de peças por decoração		
Decoração	Quantidade	Frequência (%)
Barbotina na parte interna e externa	2	4
Engobo branco na parte interna e engobo vermelho na parte externa	1	2
Engobo Branco na parte interna e liso na parte externa	1	2
Engobo Vermelho na parte interna e externa	4	7
Liso na parte externa e não identificado na parte interna	4	7
Liso na parte interna e brunidura na parte externa	1	2
Liso na parte interna e engobo branco na parte externa	1	2

Liso na parte interna e engobo vermelho na parte externa	2	4
Liso na parte interna e na parte externa	33	60
Não identificado na parte interna e liso na parte externa	3	5
Não identificado na parte interna e na parte externa	3	5
Total	55	100%

Fonte: o autor (2022).

Após a análise tecnotipológica da cerâmica do Sítio Arqueológico São Saprino, foi possível formar conjuntos de fragmentos pertencentes a uma mesma vasilha. Além disso, alguns desses conjuntos possuem o encaixe entre as peças.

O *Conjunto 1* é composto por dois fragmentos de parede (peças 15 e 20), apresentando 5 mm de espessura e encaixe entre ambas as peças (**Foto 11 e 12**).

Foto 11 e 12: Face externa e interna do Conjunto 1 composto pelas peças 15 e 20, Sítio São Saprino, SP.



Fonte: o autor (2022).

O *Conjunto 2* é composto por dois fragmentos de parede (peças 25 e 26), apresentando 10mm e 9mm de espessura, respectivamente. O antiplástico evidenciado foi o mineral, e a face interna e externa puderam ser classificadas como lisas. Como observado na foto, as peças possuem encaixe (**Foto 13 e 14**).

Foto 13 e 14: Face externa e interna do Conjunto 2 composto pelas peças 25 e 26, São Saprino, SP.



Fonte: o autor (2022).

O *Conjunto 3* é composto por quatro fragmentos de parede (peças 29, 30, 31 e 32). A espessura do conjunto varia entre 10mm e 15mm, o antiplástico observado foi o mineral, e a face interna e externa puderam ser classificadas como lisas. Na foto, vemos o encaixe das quatro peças (**Foto 15 e 16**).

Foto 15 e 16: Face interna e externa do Conjunto 3 composto pelas peças 29, 30, 31 e 32, Sítio São Saprino, SP.



Fonte: o autor (2022).

O *Conjunto 4* é composto por dois fragmentos cerâmicos (peças 35 e 36), classificados como paredes. A espessura observada foi de 9mm e 12mm, respectivamente. O antiplástico presente foi o mineral, as faces interna e externa foram classificadas como lisas. No que diz respeito a esse conjunto, não foi possível realizar o encaixe das peças (**Foto 17 e 18**).

Fotos 17 e 18: Face interna e externa do Conjunto 4 composto pelas peças 35 e 36, São Saprino, SP.



Fonte: o autor (2022).

O *Conjunto 5* apresenta dois fragmentos cerâmicos (peças 44 e 45), classificados como paredes, com espessura de 6mm em ambas as peças. O antiplástico presente foi o mineral e a sua face interna e externa foram classificadas como lisas (**Fotos 19 e 20**).

Foto 19 e 20: Face interna do Conjunto 5 composto pelas peças 44 e 45, São Saprino, SP.



Fonte: o autor (2022).

Sendo assim, partindo de um acervo de apenas 55 peças, foi possível a formação de 5 conjuntos de fragmentos que pertenceram a uma mesma vasilha cerâmica.

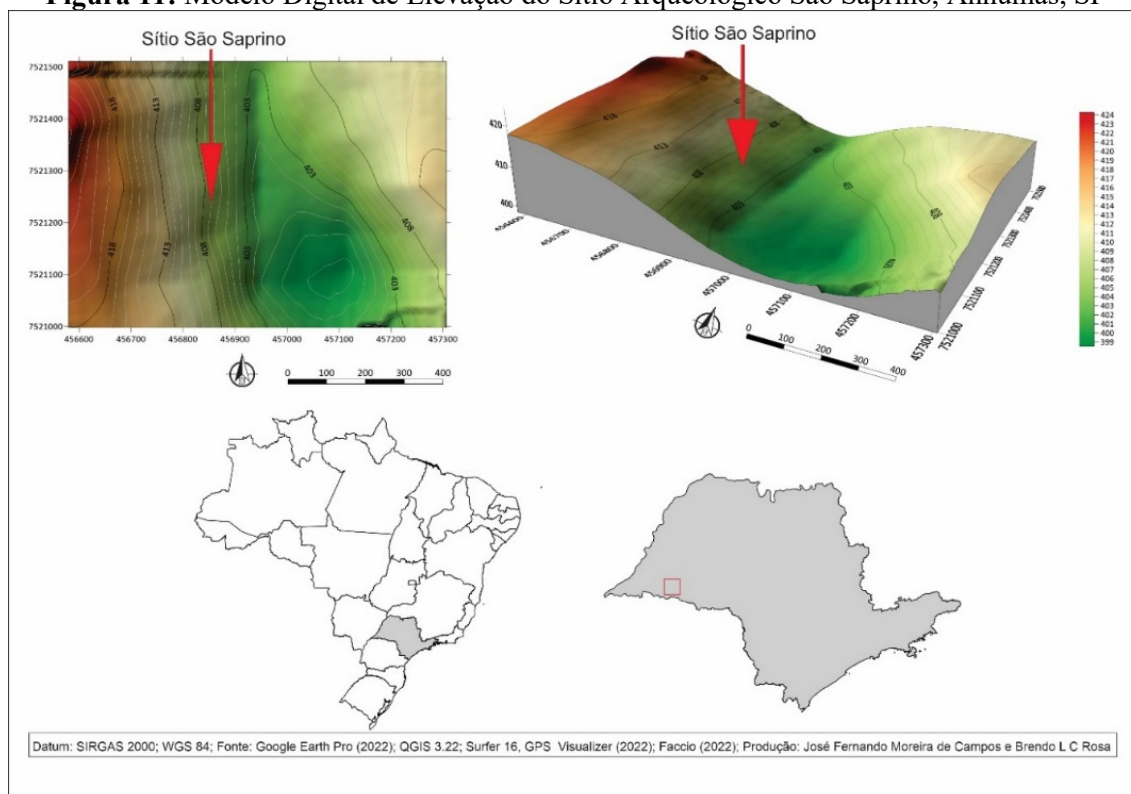
3.3 A implantação do Sítio São Saprino na paisagem: o padrão de assentamento

Na região de estudo onde se insere o Sítio Arqueológico São Saprino, observamos a presença de rochas da Formação Adamantina, sendo esta, de grande importância por ser a formação de maior expressão, recobrindo formações como a Serra Geral, Caiuá e Santo Anastácio (IPT, 1981).

De acordo com Oliveira (1999), os solos predominantes na região são os Argissolos vermelho-amarelos. Tal tipo de solo é resultante dos processos de intemperismos das rochas sedimentares da Formação Vale do Rio do Peixe e os possíveis terraços fluviais, com presença dos Neossolos Quartzênicos, advindos da deposição fluvial do Córrego da Boa Vista, próximo ao Sítio Arqueológico São Saprino (FACCIO, 2016).

A região em que se insere o sítio de estudo apresenta um grande potencial de nível de fragilidade, sendo caracterizada por formas dissecadas de vales entalhados associados a vales pouco entalhados, com forte densidade de drenagem. Essas áreas estão suscetíveis a processos erosivos agressivos, com possibilidade de ocorrência de movimento de massa e erosão linear com voçorocas (ROSS; MOROZ, 1997).

Figura 11: Modelo Digital de Elevação do Sítio Arqueológico São Saprino, Anhumas, SP



Fonte: O autor (2022).

O sítio se localiza em transição entre média a baixa vertente, com altitude de 407 metros em relação ao nível do mar (**Figura 11**). O macrorrelevo é constituído pela Depressão Periférica Paulista (Depressão do Paranapanema) e a morfoescultura do Planalto Ocidental Paulista. Já o mesorrelevo é caracterizado por colinas amplas de relevo colinoso (IPT, 1981).

De acordo com a Carta Geotécnica do estado de São Paulo, a região está sujeita a erosão por sulcos, ravinas e voçorocas no âmbito das colinas e alta susceptibilidade a escorregamentos, sejam eles naturais ou induzidos (Nakazawa, V. *et alii*, 1994).

Deste modo, o Sítio Arqueológico São Saprino está localizado em área rural, mais especificamente numa região destinada ao plantio de cana-de-açúcar e a criação de gado, no município de Anhumas - SP, em área de média vertente próximo ao Ribeirão da Boa Vista. Assim, o sítio em pesquisa encontra-se a aproximadamente 350 metros do Sítio Arqueológico Córrego da Boa Vista I. Com relação ao Rio Paranapanema, o sítio se localiza distante a aproximadamente 34 quilômetros (FACCIO, 2016) (**Foto 21**).

O Sítio Arqueológico São Saprino se localiza numa região fitogeográfica do Domínio Tropical Atlântico (domínio da Mata Atlântica) em transição ao Domínio dos Cerrados 4, onde encontram-se muitos remanescentes de vegetação nativa em fragmentos

florestais de diversos tamanhos, graus de isolamento e tipos de vegetação, com destaque para a vegetação savânica, relacionada ao bioma Cerrado, e as Florestas Estacionais Semidecíduais, pertencentes ao bioma Mata Atlântica (FACCIO, 2016) (**Foto 22**).

Foto 21: Paisagem do Sítio Arqueológico São Saprino



Fonte: Faccio et al (2016)

Foto 22: Área de Preservação Permanente na área do sítio São Saprino



Fonte: Faccio et al (2016).

Esses remanescentes de vegetação encontram-se imersos em uma matriz antrópica na qual os principais elementos são grandes áreas de cultivo de cana-de-açúcar e áreas destinadas à pecuária (pastagens). De modo geral, os fragmentos situam-se dentro dos

limites de propriedades particulares, correspondendo às áreas de Reserva Legal ou Áreas de Preservação Permanente (APP) (FACCIO, 2016).

Assim, muitas vezes as propriedades particulares acabam por comportar uma extensa parte da flora e fauna da região, visto que as áreas de proteção natural sob a forma de unidades de conservação ocorrem poucas vezes no Pontal do Paranapanema (FACCIO, 2016).

Desta maneira, compreendemos que a paisagem em que se insere o Sítio Arqueológico São Saprino e suas características físico-geográficas, sobretudo a morfologia e litologia, foram determinantes para o assentamento da população pré-colonial ali existente, visto que esses fatores eram condicionantes na forma de apropriação do espaço geográfico por grupos ceramistas.

4 Considerações Finais

Ademais, como visto nesta monografia o Sítio Arqueológico São Saprino, situado no Município de Anhumas, SP, encontra-se atualmente entre plantio de cana-de-açúcar e criação de gado, de propriedade da Usina COCAL – Narandiba, em um contexto ambiental degradado pelo uso e ocupação do solo associados ao empreendimento.

O Sítio ainda se encontra no local de sua descoberta, haja visto que o IPHAN-SP no ano de 2022 exarou no Processo de nº 01506.004657/2014-21, manifestando não ser necessário o resgate do referido sítio, tendo em vista considera-lo apenas uma área de ocorrência arqueológica.

Entretanto, como exposto na etno-história da Região do Baixo Curso do Paranapanema, a presença de grupos indígenas nesta área, por exemplo, os Guarani e os Kaingang, foram abundantes. Ademais, outras etnias indígenas também podem ter coexistido na área, visto que características regionais, como a hidrografia regional, auxiliavam na locomoção de determinadas populações, configurando-se como um corredor de trânsito.

Pode considerar também a possibilidade de ter havido contato entre grupos Guarani e os Kaingang com base na característica da cultura material (cerâmica e lítico lascado) ou a ocupação do mesmo local em tempos distintos.

Posto isso, estudos arqueológicos no Pontal do Paranapanema são escassos em relação à implantação de Sítios Guarani de pequeno porte, e Kaingang que sempre são menores se comparados aos Guarani.

Segundo Faccio (1998), os registros arqueológicos são identificados em diversos contextos e extensões. Os sítios de pequeno porte referem-se aos sítios arqueológicos de menor extensão, com pouca densidade de artefatos e com relativa distância de rios navegáveis, localizados próximos às nascentes, córregos e/ou ribeirões. Nota-se que os sítios de pequeno porte localizados no Pontal do Paranapanema estão próximos a pequenos cursos d'água (Córregos e Ribeirões).

Sendo assim, revisamos neste trabalho o total de 56 sítios arqueológicos na região do Pontal do Paranapanema, área de empreendimento da Usina COCAL – Narandiba. Destes sítios, 22 foram localizados no Diagnóstico Arqueológico prospectivo, sendo que seis contam com presença de material cerâmico, oito com apenas lítico lascado, cinco cerâmico e lítico lascado, um apresentou gravuras rupestres, um apresentou cerâmica e lítico polido e um apresentou cerâmicas, líticos lascados e líticos polidos.

Dos sítios que apresentaram cerâmica, quatro foram classificados como Itararé/Tupiguarani; seis como Tupiguarani e dois como Itararé. O sítio com arte rupestre

é, provavelmente, da Tradição Tupiguarani. Contudo, trata-se de uma análise preliminar, que será concluída em etapas posteriores.

No que está relacionado ao Sítio Arqueológico São Saprino, que foi apresentado nesta monografia, o material cerâmico encontrado trata-se de uma cerâmica lisa com engobo vermelho em 13% das peças. Na maior parte dos casos apresenta coloração amarelada, antiplástico mineral com 100% de frequência nas peças, que parece grânulos de óxido de ferro em decomposição. A cerâmica é leve se comparada com aquelas Guarani presentes na região e no entorno do Sítio Arqueológico São Saprino.

A presença de cerâmica de coloração amarelada com antiplástico mineral já foi descrita por Prous (1992) como pertencente aos grupos Jê. Contudo, estamos trabalhando com uma pequena parte das peças cerâmicas do Sítio São Saprino, tendo em vista que foi realizado na área do Sítio apenas uma avaliação prospectiva que resultou num acervo de 55 peças.

O sítio, portanto, apresenta característica única no que diz respeito a cerâmica, sendo necessário o salvamento (resgate) para que possamos melhor conhecer as características da cerâmica.

Além disso, o sítio arqueológico São Saprino está implementado em paisagem caracterizada por uma área de relevo suave ondulado e/ou ondulado com colinas amplas, próxima ao Córrego da Boa Vista, um dos tributários do Ribeirão Anhumas, que é afluente direto do rio Paranapanema.

Ademais na Região do Baixo Curso do Paranapanema, onde os sítios arqueológicos do diagnóstico prospectivo estão localizados, foram identificados terraços fluviais e superfícies inclinadas de depósitos colúvio-aluviais, predomínio de rochas sedimentares do Grupo Bauru (Formação Adamantina). O macrorrelevo é constituído pela Depressão Periférica Paulista (Depressão do Paranapanema) e a morfoescultura do Planalto Ocidental Paulista. Já o mesorrelevo é caracterizado por colinas amplas de relevo colinoso com presença de solos do tipo: Argissolos vermelho-amarelos e Neossolos Quartzênicos.

Deste modo, a área em que o sítio arqueológico está localizado configura-se como uma região propícia a ocupação humana, haja vista a presença de recursos naturais como argila e os afloramentos rochosos. Recursos que possibilitariam a produção de ferramentas e/ou instrumentos para a manutenção do modo de vida dos povos indígenas.

Em vista disso, ressalta-se aqui, a relevância desta monografia em relação a contribuição para pesquisas interdisciplinares, sobretudo entre Geografia, Arqueologia e

Cartografia, além de propor o estudo da cultura material de sítios arqueológicos de pequeno porte, localizados no Pontal do Paranapanema.

Por fim, a análise dos sítios arqueológicos irá proporcionar novas contribuições a respeito do Sistema de Ocupação Regional Indígena no Pontal do Paranapanema, auxiliando com o mapeamento, elaboração de produtos cartográficos sobre a relação da localização destes sítios arqueológicos, além da melhor compreensão das características relacionadas aos vestígios arqueológicos encontrados nesses sítios.

5 Referências

- ABREU, D. S. **Formação Histórica de uma Cidade Pioneira: Presidente Prudente.** Presidente Prudente: FFCL/Presidente Prudente, 1972.
- BALFET, H. **Des chaînes opératoires, Pour quoi faire?** In: BALFET, H. Observer l'action technique: Des chaînes opératoires, Pour quoi faire?. Paris: CNRS, 1991, p. 11-19.
- BOIN, M. N e OSCO, L. P. **Geoecologia da Paisagem do Pontal do Paranapanema/SP: O Olhar Geográfico da Paisagem ao Longo do Século XX.** *Entre-Lugar*, Dourados, MS, ano 6, n.12, 1. semestre de 2016.
- BORELLI, S, H. S. “Os kaingang no Estado de São Paulo: constantes históricas e violência deliberada”. In: VARIOS AUTORES. **Índios em São Paulo: resistência e transfiguração.** São Paulo, Ed. Yankatu e Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1984.
- BRASIL. Secretaria do Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística – Museu Geológico de São Paulo (MUGEO). **Comissão Geográfica e Geológica – CGG.** [São Paulo]: Secretaria do Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística, 24 jul. 2023. Disponível em: < <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/museugeologico/comissao-geografica-e-geologica/>>.
- CHMYZ, I. Dados Arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do alto rio Paraná. **Publicações Avulsas da Universidade Federal do Paraná.** Curitiba, 1974. P. 67 – 90.
- CNSA/ IPHAN, CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS/INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO E NACIONAL. **Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos**, disponível em:< www.iphan.gov.br>, acesso em: 04 de fevereiro de 2023.
- COBRA, A. N. **Em um recanto do Sertão Paulista**, Tipografia Hennies Irmãos, São Paulo, 1923.
- COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO PONTAL DO PARANAPANEMA, 2001. Disponível em: < <https://cbhpp.org/>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023.
- CREDDO, M. do C. S. **Terras e Índios: a propriedade da terra no Vale do Paranapanema.** Arte & Ciência. São Paulo, 2003.
- CSÁKI, E.; JEREM, F.R. Data recording and GIS applications in landscape and intra-site analysis: case studies in progress at the Archaeological Institute of the Hungarian Academy of Sciences. In: **Archaeology and Geographic Information Systems: a European perspective.** LOCK, G.; STANCIC, Z London: Taylor & Francis, p.392. 1995.
- CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. B. (orgs.). 2002. **Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações.** São Paulo: Cia. das Letras. 735 pp.
- CYPRIANO, D. A. Assentamento e Construção de Missões Jesuíticas junto aos Guaicuru e Guarani. In: SCHMITZ, P. I. **Trabalhos apresentados pela Equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas no XIX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira,** São Leopoldo, 2004, p. 49-58.
- DANTAS, A. **Memória do Patrimônio do Assis (História)**, Editora Pannartz, São Paulo, 1978.

DAVES, L. F. **A paisagem cultural do Sítio Arqueológico Piracanjuba, Piraju, SP.** 2016. 163 f. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de ciências e tecnologias, Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2016.

DESROSIERS, S. **Sur le concept de chaîne opératoire.** In: BALFET, Hélène. Observer l'action technique: Des chaînes opératoires, Pour quoi faire? Paris: CNRS, 1991.

DOBRES, M. A; HOFFMAN, C. R. **The Social Dynamics of Technology: Practice, Politics, and World Views.** Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1999.

Exploração dos Rios Itapetininga e Paranapanema. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, 1889. Sampaio, Theodoro. 1890. **Considerações geográficas e econômicas sobre o Valle do Rio Paranapanema.** Boletim da Comissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo, 4. São Paulo: Typographia King.

FACCIO, N. B. **Arqueologia Guarani na área do Projeto Paranapanema:** estudo dos Sítios de Iepê, SP. Relatório apresentado ao concurso para Livre-Docência no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, conforme Edital MAE /USP. 2011.

FACCIO, N. B. **A complexidade dos sistemas de assentamentos ameríndios no Planalto Ocidental Paulista vistos a partir da arqueologia: a contribuição do LAG/MAR.** Journals Open Edition, número 41, 2019.

FACCIO, N. B. **Arqueologia dos Cenários das Ocupações Horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema – SP.** São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

FACCIO, N. B. **Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

FACCIO, N. B. *et al.* **Diagnóstico Arqueológico prospectivo da área de plantio de cana-de-açúcar da Usina COCAL - Unidade de Narandiba.** Museu de Arqueologia Regional/FCT/UNESP, Presidente Prudente, SP, 2016.

FACCIO, N. B. *et al.* **Relatório de Resgate Arqueológico da área de plantio de cana-de-açúcar da Usina COCAL – Unidade Narandiba.** Museu de Arqueologia Regional/FCT/UNESP, Presidente Prudente, SP, 2020.

FAUSTO, C. **Os índios antes do Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2000.

FERREIRA, M. C. **Considerações teórico metodológicas sobre as origens e a inserção do Sistema de Informação Geografia na Geografia.** In: VITTI, A. C. Contribuições à História e a epistemologia da Geografia Bertrand, Brasil, RJ, 2006, p. 101-125.

FOGAÇA, E. **Mãos para o pensamento:** a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e 19 9 VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000/10.5000 B.P) 2001. 452. f. Tese Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GALHARDO, D. A.; FACCIO, N. B.; LUZ, J. A. R. **O conceito antropológico de cadeia operatória, sua aplicação e contribuição no estudo de artefatos líticos arqueológicos.** Cadernos do Lepaarq, vol. XII, nº23, 2015.

GOODCHILD, M. **"Geographical data modeling".** *Computers & Geosciences*, 18(4): 401-408, 1992.

HACHIRO, J.; COIMBRA, A. & MATOS, S.L.F. 1993. **O caráter cronoestratigráfico da unidade Irati**. In: SIMPÓSIO DE CRONOESTRATIGRAFIA DA BACIA DO PARANÁ, 1. FUNDUNESP. Rio Claro 1993, Boletim de Resumos; Rio Claro. p. 62-63.

HERNANDEZ, P. P. **Organizacion Social de las doctrinas Guaraníes de La Companhia de Jesús**, Gustavo gili Editor, 2 tomos, Barcelona, 1913, 680 p. e 740 p.

IPT - INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Mapa geomorfológico do estado de São Paulo**. São Paulo: IPT, 1981a. 2v.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. Cerâmica Guarani. Porto Alegre, Posenato Arte e Cultura, 1989.

LEITE, M. S., 1998. **Avaliação do Estado Nutricional da População Xavante de São José, terra Indígena Sangradouro - Volta Grande, Mato Grosso**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.

LIMA, J. F. T. **A ocupação da terra e a destruição dos índios na região de Bauru**. São Paulo, FFCH (USP), 1978, dissertação de mestrado.

LUZ, J. A. R.; FACCIO, N. B. Estudo da tecnologia lítica do Sítio Arqueológico Vallone, Iepê, SP. **Revista de História da Arte e da Cultura**, Campinas, SP, n. 17, p. 29-48, 2021.

MANFRIN, A. Loreto (1610-1631): **Guyraypotý do Pirapó** (Mestrado em História), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Dourados, 2003, 145 p.

MANO, M. “Os Campos de Aracoara: um ensaio de perspectiva etnohistórica”. **Revista Uniara**. Araraquara/SP, no. 03, 1998.

MARTINS, G. R. **Breve painel Etno-histórico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, Ed. UFMS, 2002.

MARTINS, J. S. **O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira**. In: _____. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec: FFLCH/USP, 1997. p. 145-203.

MAUSS. M. **Manual de Etnografia**. Lisboa: Editorial Pórtico, 1993.

MELATTI, D. M. **Aspectos da organização social dos Kaingang Paulistas**. Brasília, Ed. Funai, 1976.

MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. Editora Hucitec e Editora Polis, São Paulo, 1984.

MONTOYA, A. R. **Conquista Espiritual** – Feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MONTOYA, A. R. **Conquista Espiritual Hecha por los Religiosos de la Compañia de Iefus, em lãs províncias del Paraguay**, Parana Uruguay y Tape Madrid. Em La imprenta Del Reyno, 1639.

MORAIS, D. **Arqueologia da Arquitetura: estação ferroviária de Piraju, ensaio de arqueologia da arquitetura de Ramos de Azevedo**, editora habilis, Erechim RS, 2007, 163 pág.

MORAIS, D. Projeto de Monitoramento Arqueológico. **Gestão Estratégica do Patrimônio Arqueológico da Área de Influência do Aterro Sanitário Consfran**, Catanduva, SP, 2008.

MORAIS, J. L. **Perspectivas geoambientais da Arqueologia do Paranapanema paulista**. Tese de Livre-Docência. São Paulo, USP. 1999.

MORAIS, J. L. **Perspectivas geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista**. Erechim: Habilis, 2011.

MORAIS, J. L. **Programa de Monitoramento, Resgate e Educação para o Patrimônio Arqueológico: gestão do patrimônio arqueológico na área de influência dos reservatórios do Rio Paranapanema**, 99 p., São Paulo, 2012.

MORAIS, J.L. **Tópicos de Arqueologia da Paisagem**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, p.3-30, 2000.

NAKAZAWA, V. A. *et al.* **Carta geotécnica do Estado de São Paulo, escala 1:500.000**. 1º ed. Departamento de Ciência e Tecnologia: Instituto de Pesquisas Tecnológicas, São Paulo, 1994.

NAKAZAWA, V. A.; LUZ, C. G.; DINIZ, N. C. **Carta Geotécnica do Estado de São Paulo, escala 1:500.000**. São Paulo: Departamento de Ciência e Tecnologia, 1994.

NIMUENDAJU, C. U. **As lendas da Criação e da Destruição do Mundo Como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani**, Editora Hucite-EDUSP, São Paulo, 1943.

NOELLI, F. S. **Sem Tekoá não há Tekó. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Jacuí**, Dissertação de Mestrado. RS. Porto Alegre, PUCCRS, 1993.

NUNES J. O. R. **Uma contribuição metodológica ao estudo da dinâmica da paisagem aplicada a escolha de áreas para construção de aterro sanitário em Presidente Prudente** / João Osvaldo Rodrigues Nunes. - Presidente Prudente: [s.n], 2002. a xi p., 211 p.: il.; 29 cm.

OLIVEIRA, J. B. de at. **Mapa Pedológico do Estado de São Paulo. Escala: 1:500.000**. 1999. Campinas: Instituto Agrônomo de Campinas – IAC. Rio de Janeiro: Embrapa Solos. 1999.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

RIBEIRO, B. G. **O artesanato indígena como bem comerciável. Ensaio de Opinião**. v. 5, p. 68-77, 4. Rio de Janeiro: Inúbia, 1977.

RODRIGUES, R. A. **Os Caçadores-Ceramistas do Sertão Paulista: um estudo etnoarqueológico da Ocupação Kaingang no Vale do Rio Feio/Aguapeí**, São Paulo (Tese de Doutorado na área de Arqueologia), Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São paulo, 2007, 200 f.

ROSS, J. L. S.; MOROZ, I. C. **Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo**. São Paulo: Laboratório de Geomorfologia. Departamento de Geografia FFLCH-USP/Laboratório de Cartografia Geotécnica - Geologia Aplicada - IPT/FAPESP. 1997.

SAES, F. A. M. **Ferrovias de sao paulo: paulista, mogiana e sorocabana, 1870-1940.** 1974. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974.

SOARES, A. L. R. Organização Social e Arqueologia. **Coleção Arqueologia 4.** EDIPURCS, Porto Alegre, 1997.

THOMAZ, R. C. C. **Arqueologia da influência jesuítica no Baixo Paranapanema: o estudo do sítio Taquaruçú** (Dissertação de Mestrado em Arqueologia). S.P., FFLCH/USP, 1995.

ZALUAR, A. E. **Perigração pela Provincia de São Paulo (1860-1861).** Livraria Itatiaia Editora LTDA. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1975.

ZUCCHI, B. B. **A criação da Escola de Ferroviários da Companhia Sorocabana.** Arquivo do Estado, nº 4, 2005.

ANEXO A
Curadoria do Sítio Arqueológico São Saprino

Coleção: Análise de Cerâmica				Data de Coleta: / /		
Origem: Narandiba-SP				Nome e sigla do sítio: São Saprino		
Pesquisador: Neide Barrocá Faccio				Data:		
Acervo Anterior:				Preenchido por:		
Número	Categoria	Antiplástico	Espessura Parede	Tipo Interno/Externo		Localização
1	Base Convexa	Mineral	15 mm	Engobo Branco	Liso	22K 456.880.842 / 7.521.245.288
2	Parede	Mineral com Caco Moído	12 mm	Barbotina	Barbotina	22K 456.874.168 / 7.521.259.558
3	Parede	Mineral com Caco Moído	14 mm	Liso	Liso	22K 472.243.251 / 7.537.367.677
4	Borda	Mineral com Caco Moído	07 mm	Barbotina	Barbotina	22K 472.243.251 / 7.537.367.677
5	Parede	Mineral	12 mm	Liso	Liso	22K 472.243.251 / 7.537.367.677
6	Parede	Mineral	06 mm	Liso	Liso	22K 472.243.251 / 7.537.367.677
7	Borda	Mineral	06 mm	Liso	Liso	22K 456.877.947 / 7.521.253.343
8	Parede	Mineral com Caco Moído	12 mm	Liso	Liso	22K 456.877.947 / 7.521.253.343
9	Parede	Mineral	04 mm	Liso	Liso	22K 456.877.947 / 7.521.253.343
10	Parede	Mineral com Caco Moído	12 mm	Liso	Liso	22K 456.871.693 / 7.521.268.514
11	Parede	Mineral	07 mm	Liso	Liso	22K 456.896.061 / 7.521.198.503
12	Parede	Mineral	08 mm	Liso	Liso	22K 456.896.061 / 7.521.198.503
13	Parede	Mineral com Caco Moído	07 mm	Liso	Liso	22K 456.870.013 / 7.521.271.014

14	Parede	Mineral	06 mm	Liso	Liso	22K 456.870.013 / 7.521.271.014
15	Base Convexa	Mineral com Caco Moído	05 mm	Engobo Vermelho	Engobo Vermelho	22K 456.870.013 / 7.521.271.014
16	Parede	Mineral	06 mm	Liso	Liso	22K 456.870.013 / 7.521.271.014
17	Parede	Mineral com Caco Moído	13 mm	Liso	Liso	22K 456.888.924 / 7.521.220.946
18	Parede	Mineral com Caco Moído	09 mm	Liso	Liso	22K 456.888.924 / 7.521.220.946
19	Parede	Mineral	10 mm	Liso	Liso	22K 456.888.924 / 7.521.220.946
20	Base Convexa	Mineral com Caco Moído	05 mm	Engobo Vermelho	Engobo Vermelho	22K 456.888.924 / 7.521.220.946
21	Parede	Mineral com Caco Moído	06 mm	Liso	Liso	22K 456.882.536 / 7.521.247.417
22	Parede	Mineral	07 mm	Liso	Engobo Vermelho	22K 456.882.536 / 7.521.247.417
23	Parede	Mineral	06 mm	Liso	Engobo Vermelho	22K 456.882.536 / 7.521.247.417
24	Parede	Mineral com Caco Moído	07 mm	Engobo Branco	Engobo Vermelho	22K 456.882.536 / 7.521.247.417
25	Parede	Mineral com Caco Moído	10 mm	Liso	Liso	22K 456.877.999 / 7.521.250.170
26	Parede	Mineral com Caco Moído	09 mm	Liso	Liso	22K 456.877.999 / 7.521.250.170
27	Parede	Mineral com Caco Moído	11 mm	Liso	Liso	22K 456.878.222 / 7.521.253.613
28	Parede	Mineral	14 mm	Liso	N.I	22K 456.872.382 / 7.521.265.955
29	Parede	Mineral com Caco Moído	15 mm	Liso	Liso	22K 456.878.004 / 7.521.254.549
30	Parede	Mineral com Caco Moído	15 mm	Liso	Liso	22K 456.878.004 / 7.521.254.549

31	Parede	Mineral com Caco Moído	10 mm	Liso	Liso	22K 456.878.004 / 7.521.254.549
32	Parede	Mineral com Caco Moído	14 mm	Liso	Liso	22K 456.878.004 / 7.521.254.549
33	Parede	Mineral	11 mm	Liso	Liso	22K 456.878.004 / 7.521.254.549
34	Parede	Mineral	10 mm	Liso	Liso	22K 456.878.004 / 7.521.254.549
35	Parede	Mineral com Caco Moído	09 mm	Liso	Engobo Branco	22K 456.894.645 / 7.521.214.402
36	Parede	Mineral com Caco Moído	12 mm	Liso	Liso	22K 456.894.645 / 7.521.214.402
37	Parede	Mineral	09 mm	Liso	Liso	22K 456.868.903 / 7.521.273.136
38	Parede	Mineral	06 mm	Liso	Liso	
39	Parede	Mineral	08 mm	Liso	Liso	
40	Parede	Mineral com Caco Moído	09 mm	Liso	Liso	
41	Parede	Mineral	17 mm	N.I	Liso	
42	Parede	Mineral com Caco Moído	16 mm	N.I	Liso	
43	Parede	Mineral com Caco Moído	05 mm	Liso	Liso	
44	Fragmento de Base	Mineral com Caco Moído	06 mm	Engobo Vermelho	Engobo Vermelho	
45	Fragmento de Base	Mineral com Caco Moído	06 mm	Engobo Vermelho	Engobo Vermelho	
46	Parede	Mineral	13 mm	N.I	N.I	
47	Parede	Mineral	09 mm	Liso	Liso	
48	Parede	Mineral	12 mm	Liso	N.I	
49	Parede	Mineral	07 mm	Liso	Liso	
50	Parede	Mineral	06 mm	N.I	Liso	

51	Parede	Mineral com Caco Moído	07 mm	Liso	Brunidura	
52	Parede	Mineral	12 mm	N.I	N.I	
53	Parede	Mineral	09 mm	N.I	N.I	
54	Parede	Mineral	08 mm	Liso	N.I	
55	Parede	Mineral	04 mm	Liso	N.I	

ANEXO B
Guia de Análise

**GUIA PARA ANÁLISE E
CLASSIFICAÇÃO DO MATERIAL
CERÂMICO**



CATEGORIAS DE ANÁLISE

DENOMINAÇÃO E CÓDIGO DO SÍTIO : Apresentar o nome e o código do Sítio

1 - NÚMERO DA PEÇA

2 - NÚMERO DO VASO¹

PROVENIÊNCIA:

3 - SETOR

4 - QUADRA

5 - QUADRÍCULA (ou concentração cerâmica)

6 - T (TRINCHEIRA)

7 - CV (CORTE DE VERIFICAÇÃO)

8 - D (ÁREA DE DECAPAREM)

9 - P (PERFIL)

10 - NÍVEL: 0 (SUPERFÍCIE)

1 (0,1 - 9,99)

2 (10 - 19,99)

3 (20 - 29,99)

4 (30 - 39,99)

5 (40 - 49,99)

6 (50 - 59,99)

7 (60 - 69,99)

8 (70 - 79,99)

9 (80 - 89,99)

10 (90 - 99,99)

¹ verificar o número de remontagens, caso o vaso esteja fragmentado

99 NÃO IDENTIFICADO

11 - CLASSE: 1 - PAREDE

2 - BORDA

3 - BASE

4 - BASE, PAREDE, BORDA

5 - PAREDE ANGULAR

6 - PAREDE E BASE

7 - APÊNDICE

8 - APÊNDICE E BORDA

9 - ASA

10 - ASA E BORDA

11 - BOLOTA DE ARGILA

12 - CARIMBO

13 - PERFURADOR

14 - RODELA DE FUSO

15 - ROLETE DE CONFECÇÃO

16 - OMBRO

17 - ADORNO AURICULAR

18 - CACHIMBO

19 - PAREDE COM FURO DE SUSPENSÃO

20 - BORDA COM FURO DE SUSPENSÃO

21 - BORDA COM SUPORTE PARA TAMPA

22 - POLIDOR DE SULCO

23 - BORDA/PAREDE ANGULAR

99 - NÃO IDENTIFICADO

12 - TIPO DO ANTIPLÁSTICO
1 - MINERAL
2 - MINERAL E CARIAPÉ
13 - MINERAL E CACO MOÍDO
14 - MINERAL E CARVÃO
15 - MINERAL E CONCHA MOÍDA
16 - MINERAL, CARIAPÉ A E CACO MOÍDO
18 - MINERAL, CACO MOÍDO E CONCHA MOÍDA
19 - MINERAL, CARVÃO E CACO MOÍDO
99 - NÃO IDENTIFICADO

13 - TAMANHO DO ANTI PLÁSTICO: EM MILÍMETRO

14 - MINERAL

15 - CARIAPÉ

19 - ESPESSURA DA PAREDE: EM MILÍMETRO



20 - GRAU DE QUEIMA:

- QUEIMA 1:** SEÇÃO TRANSVERSAL SEM PRESENÇA DE NÚCLEOS, COM COR UNIFORME VARIANDO LARANJA TIJOLO AO AMARELO
- QUEIMA 2:** SEÇÃO TRANSVERSAL SEM PRESENÇA DE NÚCLEOS, COM COR UNIFORME VARIANDO CINZA - CLARO AO PARDO
- QUEIMA 3:** SEÇÃO TRANSVERSAL COM PRESENÇA DO NÚCLEO CENTRAL ESCURO, E UMA CAMADA INTERNA E EXTERNA CLARA
- QUEIMA 4:** SEÇÃO TRANSVERSAL SEM PRESENÇA DE NÚCLEOS, COM COR UNIFORME VARIANDO DO CINZA ESCURO AO PRETO
- QUEIMA 5:** SEÇÃO TRANSVERSAL COM UMA CAMADA CLARA NA PARTE EXTERNA, E UMA CAMADA ESCURA NA INTERNA.
- QUEIMA 6:** SEÇÃO TRANSVERSAL COM UMA CAMADA CLARA NA PARTE INTERNA, E UMA CAMADA ESCURA NA EXTERNA.
- QUEIMA 99:** NÃO IDENTIFICADO

21 - DUREZA: SEGUNDO A ESCALA DE MOHS: (MOHS ESTABELECEU UMA ESCALA PADRÃO RELATIVA DE DUREZA USANDO 10 MINERAIS)

- 1 - TALCO
- 2 - GIPSO
- 3 - CALCITA
- 4 - FLUORITA
- 5 - APATITA
- 6 - ORTOCLÁSIO
- 7 - QUARTZO
- 8 - TOPÁZIO
- 9 - CARIDON
- 10 - DIAMANTE²



22 - COR DA ARGILA: SEGUNDO CÓDIGO DE MUNSELL

23 - TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE:

- 1 - SEM TRATAMENTO INTERNO/EXTERNO
- 2 - ALISAMENTO EXTERNO SEM ALISAMENTO INTERNO
- 3 - ALISAMENTO INTERNO SEM ALISAMENTO EXTERNO
- 4 - ALISAMENTO INTERNO E EXTERNO
- 5 - POLIMENTO INTERNO/ALISAMENTO EXTERNO

²DUREZA é a resistencia que a superficie de um mineral oferece ao ser riscada. Um mineral mais duro deixará um suco sobre a superficie do mineral menos duro. Cada mineral acima é riscado pelos posteriores e riscará os que o antecedem. O kit da escala da dureza consta basicamente dis minerais da escala estabelecida por Mohs. O diamante, em virtude de seu preço elevado não está no kit. É o único mineral da natureza que não é riscavel por nenhum outro.

- 6 - POLIMENTO EXTERNO/ALISAMENTO INTERNO
- 7 - POLIMENTO INTERNO E EXTERNO
- 8 - BRUNIDURA (ENEGRECIMENTO)³ INTERNO E EXTERNO
- 9 - LUSTRO⁴ EXTERNO/ALISAMENTO INTERNO
- 10 - LUSTRO INTERNO/ALISAMENTO EXTERNO
- 13 - BRUNIDURA/POLIMENTO INTERNO
- 14 - POLIMENTO INTERNO/ SEM TRATAMENTO EXTERNO
- 15 - LUSTRO INTERNO/SEM TRATAMENTO EXTERNO
- 16 - POLIMENTO EXTERNO/SEM TRATAMENTO INTERNO
- 99 - NÃO IDENTIFICADO

DECORAÇÃO:

24 - FACE INTERNA E 25 - FACE EXTERNA

- 1 - LISO
- 2 - ENTALHADO
- 3 - UNGULADO
- 4 - INCISO
- 5 - CORRUGADO
- 6 - ESCOVADO
- 7 - PONTEADO
- 8 - PINÇADO
- 9 - ENGOBO PRETO
- 10 - ENGOBO VERMELHO
- 11 - ENGOBO BRANCO
- 12 - ENGOBO PRETO/VERMELHO
- 13 - ENGOBO PRETO/BRANCO
- 14 - ENGOBO VERMELHO/BRANCO
- 15 - ENGOBO LARANJA
- 16 - PINTADO
- 17 - DIGITADO
- 18 - MARCADO COM TECIDO
- 19 - CANELADO
- 20 - SERRUNGULADO
- 21 - ENGOBO BRANCO/INCISO NO CONTORNO DA GARGANTA
- 22 - CORRUGADO ASSOCIADO AO ESCOVADO
- 23 - CORRUGADO ASSOCIADO AO UNGULADO
- 24 - ENGOBO BRANCO ASSOCIADO AO CORRUGADO
- 25 - ENGOBO BRANCO ASSOCIADO AO INCISO
- 26 - PINTADO ASSOCIADO AO INCISO (PINTURA VERMELHA SOBRE ENGOBO BRANCO, E INCISÃO QUE CONTORNA O LÁBIO)
- 27 - LISO ASSOCIADO AO CORRUGADO, DIVIDIDO PELO ÂNGULO DA PAREDE
- 28 - MAMINLAR
- 29 - PINTADO/ENGOBO BRANCO
- 30 - ROLETADO
- 31 - ENGOBO BRANCO/LARANJA

³BRUNIDURA - Tratamento feito por meio de queima e esfumaceamento dando um efeito vítreo e negro

⁴LUSTRO - Apresenta uma superfície vítrea (tipo verniz) , mas a cor da peça é preservada.

32 - ENGOBO VERMELHO/PINTADO

99 - NÃO IDENTIFICADO

33- Decoração Do Lábio Imersão

26- TÉCNICA DE MANUFATURA: 1 - ROLETADO (ACORDELADO)⁵

2 - ANELADO

3 - MODELADO Á MÃO

4 - MOLDADO

99 - NÃO IDENTIFICADO

27 - ÂNGULO DA PAREDE: EM GRAUS

- PARA RECIPIENTES COM CONTORNO SIMPLES MEDIR A PARTIR DO FINALDO LÁBIO

- PARA RECIPIENTES COM CONTORNO INFLETIDO MEDIR A DIREÇÃO DA PAREDE A PARTIR DO PONTO DE INFLEXÃO

01 - ÂNGULO DE 0 a 22.5 GRAUS

02 - ÂNGULO DE 22.5 a 45 GRAUS

03 - ÂNGULO DE 45 a 67.5 GRAUS

04 - ÂNGULO DE 67.5 a 90 GRAUS

05 - ÂNGULO DE 90 a 112.5 GRAUS

06 - ÂNGULO DE 112.5 a 135 GRAUS

07 - ÂNGULO DE 135 a 157.5 GRAUS

08 - ÂNGULO DE 157.5 a 180 GRAUS

28 - FORMA DE APÊNDICE: 1 - TIPO 1

2 - TIPO 2

3 - TIPO 3

TIPOS DE ASA: 4 - TIPO 1

5 - TIPO 2

6 - TIPO 3

29 - FORMA DE CARIMBO: 1 - TIPO 1

2 - TIPO 2

3 - TIPO 3

30 - TIPOS DE BOLOTA DE ARGILA: 1 - TIPO 1 BOLOTA INTEIRA

2 - TIPO 2 BOLOTA FRAGMENTADA (MAIOR PARTE)

3 - TIPO 3 FRAGMENTO DE BOLOTA (MENOR PARTE)

31 - FORMA DE LÁBIO: 1 - APONTADO

2 - ARREDONDADO

3 - PLANO

4 - BISELADO

5 - APONTADO/BISELADO

6 - APONTADO/ARREDONDADO

⁵ No caso das peças acordeladas medir a largura do rolete achatado.

7 - BISELADO/ARREDON
99 - NÃO IDENTIFICADO

32 - TIPOS E FORMA DE BORDAS⁶:

- 1 - DIRETA INCLINADA EXTERNA
- 2 - DIRETA INCLINADA INTERNA
- 3 - DIRETA VERTICAL
- 4 - DIRETA INCLINADA EXTERNA REFORÇADA EXTERNA
- 5 - DIRETA INCLINADA INTERNA REFORÇADA EXTERNA
- 6 - DIRETA VERTICAL REFORÇADA EXTERNA
- 7 - EXTROVERTIDA INCLINADA INTERNA
- 8 - EXTROVERTIDA VERTICAL
- 9 - EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA
- 10 - EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA REFORÇADA EXTERNA
- 11 - EXTROVERTIDA VERTICAL REFORÇADA EXTERNA
- 12 - EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA REFORÇADA INTERNA
- 13 - EXTROVERTIDA INCLINADA INTERNA REFORÇADA EXTERNA
- 14 - INTROVERTIDA INCLINADA INTERNA
- 15 - CONTRAÍDA
- 16 - CAMBADA
- 17 - INFLETIDA
- 18 - CARENADA
- 19 - DIRETA INCLINADA EXTERNA REFORÇADA INTERNA
- 20 - DIRETA INCLINADA INTERNA REFORÇADA INTERNA
- 21 - DIRETA VERTICAL REFORÇADA INTERNA
- 22 - EXTROVERTIDA VERTICAL REFORÇADA INTERNA
- 23 - EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA COM PONTO ANGULAR
- 24 - EXTROVERTIDA VERTICAL COM PONTO ANGULAR
- 25 - DIRETA INCLINADA INTERNA COM REFORÇO INTERNO LONGO
- 26A - DIRETA INCLINADA INTERNA COM SUPORTE PARA TAMPA
- 26B - DIRETA INCLINADA INTERNA COM PONTO ANGULAR
- 27 - DIRETA INCLINADA INTERNA COM REFORÇO INTERNO LONGO
- 99 - NÃO IDENTIFICADA

OBSERVAÇÃO: FORMAS:

DIRETA
INFLETIDA
EXTROVERTIDA
CAMBADA
CONTRAÍDA
CARENADA

TIPOS: SIMPLES
EXPANDIDA
REFORÇADA
ROLETADA
COM REFORÇO EXTERNO LONGO
COM PONTO DE INFLEXÃO

33 - FORMA DO VASILHAME:

- 1 - PRATO
- 2 - TIGELA

⁶O desenho da borda para reconstituição do vasilhame deve ser feito com a parte interna do pote voltada para o lado esquerdo de quem está desenhando.

- 3 - TIGELA FUNDA
- 4 - VASO PROFUNDO
- 5 - VASO DE CONTORNO COMPLEXO
- 6 - VASO DE FORMA DUPLA
- 99 - NÃO IDENTIFICADO

- 34 - CONTORNO DO RECIPIENTE:** 1 - CONTORNO DIRETO
2 - CONTORNO INFLETIDO
3 - CONTORNO COMPLEXO

35 - DIÂMETRO DA BOCA: MEDIDA EM MILÍMETRO

36 - ALTURA DO VASO: MEDIDA EM MILÍMETRO

37 - LARGURA DA BOCA: MEDIDA EM MILÍMETRO

38 - LARGURA DA GARGANTA: MEDIDA EM MILÍMETRO

39 - VOLUME DO VASO: MEDIDA EM CENTÍMETROS CÚBICOS

- 40 - TIPO DE BASE:** 1 - PLANA
2 - CONVEXA
3 - CÔNCAVA
4 - PLANA COM PEDESTAL
5 - PEDESTAL DE FRUTEIRA
6 - CÔNICA
99 - NÃO IDENTIFICADO

41 - DIÂMETRO DA BASE: LEITURA NOS NÚMEROS INTEIROS DO TRANSFERIDOR

42 - ÂNGULO DA BASE: MEDIDA EM GRAUS

43 - MARCAS DE USO: (MARCAS DE FOGO)

- 1 - FULIGEM NA SUPERFÍCIE EXTERNA
- 2 - DEPRESSÕES CIRCULARES CAUSADAS POR LÍQUIDOS NA FACE INTERNA
- 3 - DESGASTE POR ATRITO NA PARTE SUPERIOR DA BORDA INTERNA

- 4 - PEQUENAS DEPRESSÕES CIRCULARES DENSAS COM DIÂMETRO DE ATÉ 3 MILÍMETROS
99 - NÃO IDENTIFICADO

44- ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

- 1 - RUIM: COMPREENDE OS FRAGMENTOS DE VASILHAME QUE APRESENTAM SUPERFÍCIE ALTERADA DE FORMAS ACENTUADA POR DESGASTE, DECOMPOSIÇÃO, ETC. NESTAS PEÇAS NÃO É POSSÍVEL IDENTIFICAR TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE E DECORAÇÃO SE HOVER.
- 2 - BOM: COMPREENDE OS FRAGMENTOS DE VASILHAME QUE APRESENTAM SUPERFÍCIE PARCIALMENTE ALTERADA POR DESGASTE, DE COMPOSIÇÃO. NESTAS PEÇAS É POSSÍVEL IDENTIFICAR TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE E DECORAÇÃO SE OCORRER. QUANDO SE TRATA DE BORDA É POSSÍVEL RECONSTITUIR.
- 3 - ÓTIMO: COMPREENDE OS FRAGMENTOS DE VASILHAME COM BORDA QUE APRESENTE CONDIÇÕES PARA RECONSTITUIÇÃO DO POTE OU PEÇAS INTEIRAS QUE PERMITAM IDENTIFICAR TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE E DECORAÇÃO SE HOVER.

45 - OBSERVAÇÃO: ESPAÇO A SER UTILIZADO PARA INFORMAÇÕES QUE OS CAMPOS DA FICHA NÃO ABORDEM

***ESTÁGIOS OPERACIONAIS:**

- 1 - SÍTIO COM ATÉ 100 EPÇAS ANALISA-SE TODAS AS CATEGORIAS
- 2 - SÍTIO COM MAIS DE 100 EPÇAS ANALISA-SE:
 - DAS ÁREAS DE DECAPAGEM TODAS AS PEÇAS
 - DAS COLETAS DE SUPERFÍCIE E DEMAIS INTERVENÇÕES SOMENTE BORDAS, BASES E PAREDES DECORADAS.

ORGANIZAÇÃO :

NEIDE BARROCA FACCIO (FCT/UNESP - CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE)

MARGARETHE DE LURDES SOUZA (UFG - MUSEU ANTROPOLÓGICO)

LUDIMILA JUSTINO DE MELO (UFG - MUSEU ANTROPOLÓGICO)

ANEXO C
Ficha de Análise

Sítio São Saprino						DATA: ____/____/____		ProjPar																																	
							ANTIPLÁSTICO																																		
Nº	Nº	PROCEDÊNCIA						TAMANHO								ES. PAR	QUEI MA	DU REZ	COR ARG.	TRA. SUP.	DECORA ÇÃO	TEC. MAN	ANG. PAR	CARI MBO	APEN DICE	BOLOT. ARG.	LÁ BIO	BOR DA	FOR MA	CON TOR	D. BOC A	ALT. VASO	LAR. GAR.	V. VAS O	BA SE	D. BAS E	AG. BASE	MAR. DE USO	EST. CO		
PE ÇA	VA SO	SETOR	Q D A	Q D I	T	C V	N I	CLA SSE	T P	C L	M N	C R	C M	C V	C C																										
								pare de			X					15m m	1			4	1	1	1															NI	2		
1							0	pare de			X					11m m	3			4	1	1	1															NI	2		
2							0	pare de			X					14m m	5			4	1	1	1															NI	2		
3							0	pare de			X					7m m	3			4	1	1	1															NI	2		
4							0	bord a			X					14m m	3			3	1	1	1			2	99											NI	2		
5							0	pare de			X					7m m	5			4	1	1	1															NI	2		
6							0	pare de			X					6m m	1			4	1	1	1															NI	2		
7							0	bord a			X					12m m	3			4	1	1	1			2	99											NI	2		
8							0	pare de			X					5m m	5			4	1	1	1															NI	2		
9							0	pare de			X					14m m	5			4	1	1	1															NI	2		
10							0	pare de			X					8m m	4			4	1	1	1															NI	2		
11							0	pare de			X					9m m	6			4	1	1	1															NI	2		
12							0	pare de			X					8m m	4			4	1	1	1															NI	2		
13							0	pare de			X					6m m	4			4	1	1	1															NI	2		
14							0	pare de			X					7m m	4			4	1	1	1															NI	2		
15							0	pare de			X					7m m	3			4	1	1	1															NI	2		
16							0	pare de			X					15m m	3			4	1	1	1															NI	2		
17							0	pare de			X					11m m	3			4	1	1	1															NI	2		
18							0	pare de			X					10m m	6			3	1	NI	1															NI	2		
19							0	pare de			X					6m m	4			4	1	1	1															NI	2		
20							0	pare de			X					6m m	3			4	1	1	1															NI	2		
21							0	pare de			X					7m m	4			4	1	1	1															NI	2		
22							0	pare de			X					6m m	4			4	1	1	1															NI	2		
23							0	pare de			X					7m m	4			4	1	1	1															NI	2		
24							0	pare de			X					11m m	3			4	1	1	1															NI	2		
25							0	pare de			X					9m m	3			2	NI	1	1															NI	2		
26							0	pare de			X					12m m	5			2	NI	1	1															NI	2		
27							0	pare de			X					14m m	1			4	NI	1	1															NI	2		
28							0	pare de			X					15m m	1			4	1	1	1															NI	2		
29							0	pare de			X																											NI	2		

